

FÉ CRISTÃ

Edição 6, ano 2, nº 6, Fevereiro de 2021

UM PENTECOS TALISMO REFORMADO

UMA PROPOSTA DE ABANDONO AOS EXTREMISMOS DE AMBOS OS LADOS NO QUE SE REFERE AO ENTENDIMENTO DA AÇÃO DO ESPÍRITO E DA MECÂNICA DA SALVAÇÃO.

"O pentecostalismo não tem suas raízes em ambientes estritamente arminianos, nem a história reformada está amalgamada a um cessacionismo rígido..."

SUICÍDIO DE PASTORES

Pr. Armando Paulo Castoldi escreve sobre o lamentável fenômeno que tem sido registrado com frequência cada vez maior em arraiais cristãos.

PR. ALEX ESTEVES DAROCHA SOUSA

Existe o pentecostal reformado?

Conversando com:

WALTER McALISTER

autor do livro
"O Pentecostal Reformado".
É possível ser um? Quais as
nuances desta proposta?

NESTA EDIÇÃO

04

Editorial

05

Devocional

07

Opinião

10

Artigo especial

18

Contra-ponto

26

Fé cristã e política

33

Conversando com...
Bispo Walter McAlister

41

Psicologia e fé cristã

48

Teologia Sistemática

52

Missões



FUNDADA EM 2020

EDITOR-CHEFE/DIRETOR DE REDAÇÃO: Marcos Motta

CAPA: Gabriel Ferreira **DESIGN INTERNO:** Marcos

Motta **CONTRIBUIÇÕES NA EDIÇÃO:** Equipe de

colaboradores **DIAGRAMAÇÃO:** Marcos Motta

PUBLICIDADE / DIVULGAÇÃO / PROPAGANDA:

Equipe de colaboradores **ATENDIMENTO AO LEITOR:**

Marcos Motta **CONTATO:** redes sociais.

REVISTA FÉ CRISTÃ, edição 6, ano 2, nº 6, fevereiro de 2021, é uma publicação cristã independente, interdenominacional e mantida tão somente por seus colaboradores. **EDIÇÕES ANTERIORES:** disponíveis para download no endereço eletrônico da revista. Disponíveis para pedido através de contato via redes sociais oficiais.

A REVISTA FÉ CRISTÃ não tem fins lucrativos. Este é um material gratuito, portanto, este arquivo não pode ser vendido. O compartilhamento via redes sociais e dispositivos eletrônicos é livre. A impressão, total ou parcial, para uso pessoal ou congregacional, no caso de igrejas, é totalmente permitida, desde que, quando de uso público, a fonte do material seja citada. O conteúdo de cada coluna e/ou artigo é de inteira responsabilidade de seus autores.

revistafecrista.com

facebook.com/revistafecrista

instagram.com/revistafecrista

twitter.com/revistafecrista



Ortodoxia e fervor

por Marcos Motta
editor-chefe

Olá, seja bem-vindo! É com grande alegria que trazemos para você o sexto número da Revista Fé Cristã, a revista cristã para a geração da era digital, da era nano, da era “*não tenho tempo para estar comprando e lendo (e carregando para lá e para cá) materiais de papel, que envolvam volume, que estragam e que se perdem*”.

A maior parte do público da revista é formada por irmãos das vertentes reformada e pentecostal. Não só a maioria dos leitores tem essa origem, mas a maioria dos articulistas também. Eu mesmo fui criado numa igreja pentecostal e somente depois de casado fui apresentado à teologia reformada, o que me levou ao diálogo com igrejas e irmãos reformados, sem deixar de me ver como um pentecostal, apesar de não concordar com tudo o que o movimento pentecostal defende.

Além de todos os artigos, portanto, que trazemos normalmente aos nossos leitores, em todos os números, nesta edição, vamos dedicar-nos um pouco mais a esta

questão da possibilidade de um pentecostalismo reformado. Apesar de contestada por ambos os lados, consideramos que esta junção pode ser muito útil para a fé cristã no Brasil e no mundo. Julgamos assim porque esta posição “híbrida” é uma posição que evitaria ou ajudaria a evitar os extremos de ambos os lados – reformado e pentecostal.

Como disse o Rev. Hernandes Dias Lopes, “*as igrejas protestantes no Brasil precisam voltar às suas origens, porque nós preservamos a ortodoxia e perdemos o fervor. Não tem coisa melhor do que ter uma teologia bíblica, reformada, e ter essa teologia banhada e regada com óleo, com a unção, com o fervor, com o entusiasmo, com a vibração, com a paixão, com a vida plena do Espírito Santo de Deus. O que nós precisamos é aquilo que Martyn Lloyd-Jones colocou, é não separar aquilo que Deus uniu: ortodoxia e piedade, teologia e vida, credo e conduta. É manter a Verdade sendo regada com o óleo do Espírito. Essa junção da teologia reformada com o fervor pentecostal, isso é uma coisa fenomenal!*”

Como editor deste material, não estou autorizado a falar por todos os autores que aqui compartilham seus textos e, mais do que isso, sei que não seria capaz de falar por todos, visto que nenhum pensa igual ao outro. Todavia, pessoalmente e tendo em mãos os ricos artigos que você vai encontrar nas páginas que se seguem, estou inclinado a convidá-lo a ponderar sobre o que estes homens de Deus escreveram. Sem partidatismo, sem clubismo, sem sectarismo, no que tange a este assunto de um pentecostalismo reformado, leia e pondere.

E não deixe de conferir os demais artigos, que estão fantásticos. Trabalhamos neles a questão da política, da psicologia, da teologia sistemática... Resumindo: tem muita coisa boa!

Critique, se quiser. Tente refutar nas redes sociais [com respeito], só não deixe de ler tudo, até o fim. Até a próxima edição. Deus abençoe você e sua família.

Eu sou uma dracma perdida?

"Ou qual a mulher que, tendo dez dracmas, se perder uma dracma, não acende a candeia, e varre a casa, e busca com diligência até a achar? E achando-a, convoca as amigas e vizinhas, dizendo: Alegrai-vos comigo, porque já achei a dracma perdida". Lucas 15:8-9

Das três parábolas relatadas no núcleo do Evangelho de Lucas, no capítulo 15, a que me chama atenção de maneira especial é a *parábola da dracma perdida*. Não apenas me chama atenção, mas também me preocupa muito. Por quê?

As outras duas parábolas - a do filho pródigo e a da ovelha, nos mostram que ambos os seus personagens se perderam longe dos seus lares. Por outro lado, a dracma estava perdida dentro de casa. Isso me apavora.

Me apavora pensar na possibilidade de que há muitos perdidos dentro de casa. Que talvez, eu e você estejamos como a dracma perdida... Em

casa — é aqui que reside o meu medo. Estar perdido na igreja, participando dos cultos normalmente como se tudo estivesse bem!

O filho pródigo sabia que estava perdido — pois foi ele mesmo quem decidiu sair mundo afora a fim de viver os prazeres do mundo. A ovelha sabia que estava perdida por não estar mais perto do seu pastor e do rebanho. Já a dracma... ela não se propôs a viver uma aventura pecaminosa. Ela não estava longe de tudo aquilo que era comum em sua vida. Nada disso! Ela estava lá, na “segurança do lar”, porém, perdida! Essa realidade pode ser a nossa. Perdidos em casa!

Será que não estamos frequentando o culto

normalmente, a escola bíblica, sem perceber que, ainda assim, estamos perdidos? Como saber?

Bem, geralmente, quando somos alcançados pela Graça de Deus, jorra de dentro de nós um amor pelo Senhor tão grande que tudo o que queremos é nos gastar pelo Reino!

Ouvimos e lemos sobre os feitos de Billy Graham, Paul Washer, Jonathan Edwards, David Brainerd, e então passamos a sonhar em realizar feitos semelhantes aos deles — a verdade é que, na juventude, tínhamos a convicção de que alcançaríamos estes sonhos!

Reuniões de orações, estudos bíblicos e evangelismo, era o resumo dos finais de semana de

um recém alcançado pela graça inflamado pelo amor do Senhor!

Com o tempo, sem que tenhamos notado, esse fogo foi diminuindo e foi perdendo o lugar na lista de prioridades para as distrações. De repente, não mais se viu acontecer aquelas orações inflamadas. Os sonhos das grandes cruzadas evangelísticas, aos poucos, foram perdendo a preeminência lugar para os negócios deste mundo. O desejo pelo pastorado desapareceu em meio às desculpas de que glorificaríamos a Deus em outras profissões — é óbvio que todas as profissões honestas glorificam a Deus. Como já disse Abraham Kuyper, “não há um centímetro quadrado neste mundo ao qual Cristo não clame: é meu”. A realidade é que muitos estão escondendo seu desânimo, sua falta de amor pelo Senhor e por Seu reino, através da desculpa de que estão servindo ao Senhor no seu trabalho. Apoiados nisso, estes abandonaram completamente os objetivos ministeriais.

O amor já se foi e é maquiado por um falso zelo pela verdade nas redes sociais. As muitas leituras escondem o coração tão distante e frio, totalmente indiferente. O pecado que machucava quando era evidenciado, agora não dói mais, afinal, “sou salvo pela Graça” — é o que dizem os

lábios nos quais não há mais cântico a Deus!

Sem santidade, sem oração, sem amor, sem fogo, sem desejo; totalmente indiferente, todavia, indo em frente, congregando normalmente. Se é esta a nossa realidade, então, com tristeza, eu digo: somos dracmas perdidas dentro de casa! E, como já disse anteriormente, isso é assustador!

Por outro lado, esta mesma parábola que mais me assusta, é a que mais me consola. Me consola, porque a intenção da parábola é mostrar como Cristo salva um pecador. A ênfase não é sobre o pecador, mas sobre o Salvador.

A dracma estava lá, parada, perdida, mas a mulher com seus esforços a encontrou. Meu coração exulta no Senhor por saber que, mesmo que eu venha a me perder, Ele me encontrará. Aqueles que são do Senhor, não permanecerão perdidos, antes, Ele os encontrará, não obstante as suas condições!

A dracma não ajudou em nada ao Senhor. Tal qual ela, somos infinitamente pobres na condição de ajudar ao Senhor. Ainda assim, Ele conclui a Sua obra. Se estamos perdidos, sem fé, sem amor e de repente, um avivamento vem sobre nós, é Cristo que nos achou e não nós os que O encontramos. É possível que você tenha estado na condição da dracma

perdida, sem perceber, mas, lendo esse texto, sentiu arrependimento e o coração a ser aquecido. Se isso realmente aconteceu com você, então, por meio deste Devocional, o Salvador o encontrou!

Somos perfeitos em nos perder, mas Ele é poderoso para nos encontrar!

Que Deus em Cristo te abençoe!



Henrique Vidal, 27 anos, é membro da Igreja Evangélica Assembleia de Deus, em Salvador – BA, onde é professor e coordenador da Escola Bíblica Dominical, e diretor de missões.



O LAMENTÁVEL FENÔMENO QUE TEM SIDO REGISTRADO COM FREQUÊNCIA CADA VEZ MAIOR EM ARRAIAIS CRISTÃOS

Sobre este lamentável fenômeno de suicídio de pastores, deixe-me fazer algumas colocações:

O maior pecado da Igreja Evangélica contemporânea, a meu ver, é a soberba. Pelo fato de realmente termos assumido essa prerrogativa de “abrir os olhos aos cegos, tirar da prisão o cativo e do cárcere os que jazem em trevas” - (Isaías 42.7), nós nos tornamos orgulhosos. Os “chamados” ministeriais foram aos poucos perdendo sua identificação com o coração de Deus e a identidade e o caráter dos líderes foram perdendo a identificação com o próprio Cristo: “Não clamará, nem gritará, nem fará ouvir a sua voz na praça. Não esmagará a cana quebrada, nem apagará a torcida que fumeja; em verdade promulgará o direito. Não desanimará, nem se quebrará até que ponha na terra o direito e as terras do mar aguardarão sua doutrina” - (Isaías 42.2-4).

Ora, o ministério pastoral passou a ser objeto de realização pessoal, de busca de “status”, de sinônimo de poder temporal e, no fundo, salvo muitas exceções evidentemente, o caminho mais curto para a fama. Os púlpitos se tornaram

OS PASTORES HOJE, SALVO RARAS EXCEÇÕES, SÃO HOMENS SOBRECARREGADOS, ESTRESSADOS, QUE VIVEM ABAIXO DE REMÉDIOS, QUE NÃO POSSUEM MAIS TEMPO PARA CUIDAR DA SUA SAÚDE FÍSICA, DAS SUAS EMOÇÕES, DO SEU ESPÍRITO E, EVIDENTEMENTE, DA SUA PRÓPRIA FAMÍLIA.

palcos para desfile de vaidades e instrumento de manipulação do povo. Pela mesma via, enveredou todo esse movimento artístico que elevou cantores gospel à condição de ídolos. Mas isso é outro assunto!

Ser eloquente, ser popular, ter e ser a encarnação da personalidade carismática, ter a capacidade de manipular emoções, ter uma aparência atraente, um olhar convivente ou intimidador, esbanjar saúde, ter domínio de palco, ser “expert” em marketing, se tornaram requisitos indispensáveis à qualificação para o ministério pastoral. Assim, a santidade, a integridade de caráter, a transparência, a humildade, a fragilidade física ou uma aparência não tão sedutora, passaram a ser vistos sinais de fraqueza e objeto de repulsa pelas próprias congregações.

O que esse perfil de líderes incitou nas congregações? O ufanismo messiânico, o espírito de superioridade, a egolatria, a comparação, a competição, as rivalidades. Com isso, não somente o Pastor se elevou acima da sua condição de servo do Senhor, mas cada membro da Igreja foi sendo contaminado por esse “mover diabólico”, e agora todos se acham no direito de julgar o pastor, de avaliar seu desempenho, de exigir que ele cumpra as expectativas que

cada um criou, segundo suas próprias “cobiças”.

Houve uma avalanche de livros nas últimas décadas, que fomentaram esse tipo de liderança. A grande maioria deles, provavelmente bem-intencionados, no entanto, fundamentados não nos princípios do Reino, antes, no espírito do mundo; fundamentados por princípios que podem funcionar muito bem na esfera econômica ou política, mas que nos colocaram em rota de colisão conosco mesmos. O mundo vive a era da competição e do descartável e, ao aplicar essas mesmas leis ao Reino de Deus, adivinhem no colo de quem tudo isso acabou caindo? Dos próprios líderes!

Os pastores hoje, salvo raras exceções, são homens sobrecarregados, estressados, que vivem abaixo de remédios, que não possuem mais tempo para cuidar da sua saúde física, das suas emoções, do seu espírito e, evidentemente da sua própria família. Qual é o pastor que pode hoje dar-se ao luxo de passar longas horas em oração e comunhão com Deus? A não ser que ele opte por não dormir! Nesse caso, então, será visto como um verdadeiro “servo de Deus”, simplesmente por que ora na madrugada. Mas, como fica o seu dia? A palavra é simples: *“Pois se alguém não sabe governar a própria casa, como cuidará da*

Igreja de Deus?” – (1 Timóteo 3.5).

Os ministérios, hoje, em grande parte, são em si mesmos mecanismos suicidas, porque as Igrejas e denominações - não todas evidentemente, foram pouco a pouco sendo arrastadas pelas tantas ondas do movimento gospel, se inflaram em suas próprias vaidades e caíram na armadilha que o apóstolo Paulo tanto temia: *“Mas receio que, assim como a serpente enganou Eva com a sua astúcia, assim também seja corrompida a vossa mente e se aparte da simplicidade e da pureza devidas a Cristo”* – (1 Coríntios 11.3).

Há uma infinidade de outras causas que atuam nesse processo. Forças satânicas certamente estão envolvidas; a maldade das pessoas certamente está envolvida, visto que os evangélicos, pela autonomia espiritual que encontraram na Palavra, têm se tornado cada vez mais ousados em seus julgamentos, agravando exponencialmente o peso espiritual, emocional e físico que se abate sobre os pastores.

Mas, para não me estender demais, gostaria de afirmar que, a meu ver, o suicídio de pastores é apenas uma consequência natural, que mais cedo ou mais tarde acabaria acontecendo, visto que a Igreja como um todo

está há bastante tempo num processo suicida. Crentes comuns, no entanto, têm como encontrar outras saídas: eles mudam de Igreja, encontram alguma zona de conforto na congregação, assistem cultos em casa pela televisão, reúnem-se em “panelinhas” para criticar os líderes e os irmãos, ou simplesmente vão cuidar dos seus próprios interesses e relegam a Igreja a um segundo plano. Enfim, crentes comuns que pouco apostaram no Reino, pouco perdem quando também veem seus sonhos frustrados. Eles não irão se suicidar, não ao menos por esses motivos.

Mas, para aqueles que sinceramente entenderam ter ouvido o chamado de Deus e nele apostaram todas as suas fichas, não é tão simples lidar com o senso de inutilidade, com o senso de fracasso, com a oposição, crítica e condenação daqueles a quem dedicaram sua própria vida. Quantos pastores encontram nas suas congregações irmãos com quem podem repartir sem medos e os seus fardos? E, mesmo entre colegas, quando podem compartilhar suas fraquezas, sem o medo do julgamento e da comparação? A solidão dos pastores é um mal que vem sendo detectado há muito tempo, mas poucos tem se importado com isso. E eu ousou perguntar: se os pastores que se suicidam irão para o inferno, será que não encontrarão por lá também os seus algozes?

O que houve afinal no meio evangélico senão um triste círculo vicioso de arrogância? Não somos todos pecadores perdidos alcançados pela Graça? Por que um pastor precisaria sentir essa desumana pressão de ser um super-homem? Por que as congregações precisariam esperar que seu pastor o fosse? Não bastaria que ele fosse um homem humilde, íntegro, sincero, dedicado à sua família, fiel ao Senhor; um homem de oração e apto para ensinar as Escrituras? Não mereceria um homem assim dupla honra, ao invés de tantos julgamentos? (1 Timóteo 5.17-19)

Não podemos olhar o suicídio de pastores como algo isolado, que só diga respeito a eles mesmos. O problema é muito mais profundo. O suicídio de pastores revela o grau de enfermidade em que as Igrejas se encontram. E, se Deus tem algo a nos falar, para mim algo está muito claro: os pastores estão se suicidando, porque há muito a Igreja enveredou por uma rota suicida. O que precisamos fazer para deter essa barragem que começa a se romper? Chega de tanta arrogância, chega de tanta vaidade, chega de tanto show, chega de tanta megalomania, de tanta fantasia, chega de tanta comparação, de tanto julgamento, de tanta maledicência. A Igreja precisa ter um reencontro com sua identidade e missão: “Vós, porém, sois raça eleita, sacerdócio real, nação santa,

povo de propriedade exclusiva de Deus, a fim de proclamarmos as virtudes daquele que nos chamou das trevas para a sua maravilhosa luz” – 1 Pedro 2.9.

Que retorne a humildade, a santidade, o amor fraternal, a misericórdia, a compaixão, o senso de pertencimento, a alegria de ser Corpo de Cristo, a submissão a quem é de direito, a autoridade espiritual para anunciar o Evangelho, o anseio pela pátria celestial e não pelos tesouros deste mundo.

Enfim, precisamos de um arrependimento profundo; precisamos retornar humildes e quebrantados aos pés de Cristo e reconquistar novamente o coração do Pai: “Se o meu povo que se chama pelo meu nome, se humilhar, e orar, e me buscar, e se converter dos seus maus caminhos, então, eu ouvirei dos céus, perdorei os seus pecados e sararei a sua terra” – (2 Crônicas 7.14)

Que Deus tenha misericórdia! Fraternalmente em Cristo.



Armando Paulo Castoldi é pastor na Comunidade Cristã de Encantado-RS. É membro do comitê global da TeachBeyond.



Um
PENTECOSTALISMO
Reformado

ARTIGO ESPECIAL

A possibilidade de uma confissão de fé pessoal que junte o que é popularmente conhecido como “fé reformada” e aquilo que comumente conhecemos como pentecostalismo, tem sido motivo de controvérsias, principalmente depois da publicação do livro *O pentecostal reformado*, do Bp. Walter McAlister. Tal discussão inflama um sentimento que é comum tanto entre os pentecostais quanto entre os reformados: o amor às suas tradições. O reformado que tenta ler como necessária à sua tradição uma visão mais concentrada no cessacionismo; já alguns pentecostais que sentem a necessidade de manterem-se com os pés firmados no arminianismo. No entanto, devemos avaliar a situação por pelo menos 2 vieses - o da história e o da teologia, e somente então, perguntar se realmente essas tradições são impossíveis de intersectarem-se.

Do ponto de vista histórico, podemos verificar que o pentecostalismo aconteceu a partir de uma série de impulsos de vários proponentes de denominações tradicionais. Nesse ínterim, Donald Dayton comenta:

“Imediatamente deve ser admitido que todos os elementos do pentecostalismo de quatro-

pontos vieram a se constituir separadamente ou a partir de várias combinações de outras tradições cristãs. Mesmo o padrão de quatro-pontos em si foi, por exemplo, algo já antecipado no ‘evangelho quadrangular’ de A.B Simpson, que no final do século XIX fundou a Aliança Cristã e missionária.”¹

A.B Simpson era pastor presbiteriano canadense. Criado em meio a rígida tradição puritana escocesa, Simpson é um exemplo de influência fundamentalmente importante para o posterior surgimento do movimento pentecostal. Do mesmo modo, posteriormente, um dos temas caros ao pentecostalismo, a cura divina, ganharia seu impulso com grande força, também, no trabalho do presbiteriano W.E Boardman que teve um importantíssimo papel na divulgação das doutrinas de santidade muito além do metodismo², para não citar o também presbiteriano R.L Stanton na contribuição do movimento de cura que desembocaria depois no pentecostalismo; ou como indicado por Garth Wilson, que busca a origem pentecostal em fontes mais antigas como nos grandes puritanos como John Owen, Thomas Goodwin, Richard Baxter, Richard Sibbes e outros, que fizeram

insinuações muito próximas ao pentecostalismo³.

Fica nítido como as igrejas de caráter reformada tiveram influência significativa para o surgimento do pentecostalismo. Com isso, percebe-se que o movimento pentecostal não está ligado a um rompimento da fé reformada, mas a um desenvolvimento dela.

Há um caso digno de nota, de um proeminente pastor reformado que cria na doutrina que é, sem dúvida, a mais cara doutrina pentecostal, o batismo no Espírito Santo. Martyn Lloyd-Jones, considerado por alguns como o último dos puritanos, tenta localizar o Batismo no Espírito na experiência das grandes mentes calvinistas do passado, sobretudo, entre os puritanos. Ele evoca John Owen ao ensinar em Romanos 5.2 sobre um regozijo, infundindo uma enorme alegria no coração do crente, “*arrebatamentos indescritíveis da mente*” e assim por diante.⁴

Thomas Goodwin, outra poderosa mente puritana, afirma que

“Há uma luz que vem e domina a alma de um homem e assegura-lhe que Deus é dele e ele é de Deus, e que o Senhor o ama

¹ DAYTON, Donald. *Raízes teológicas do pentecostalismo* (Editora Carisma, 2018). Pág. 51,52.

² Ibid, Pág. 211.

³ Ibid, Pág. 71.

⁴ LLOYD-JONES, Martyn. *O batismo e os dons do Espírito* (Editora Carisma, 2020), Pág. 84.

desde sempre [...] é uma luz superior à luz da fé comum”⁵

e ainda classifica a essa graça como

“uma experiência que o aproxima do céu mais do que qualquer outra coisa que possa fazer”.

Lloyd-Jones ainda cita John Flavel, Edward Elthan⁶, Isaac Watts⁷, entre outros; mas, a citação mais entusiasta de uma espécie de experiência protopentecostal é a de uma das mentes mais aguçadas de todos os tempos, a saber, Jonathan Edwards:

“Enquanto cavalgava para a floresta cuidando da minha saúde, em 1737, tendo descido do meu cavalo em um lugar retirado, como costumava fazer, para caminhar em contemplação do Senhor e em oração, tive uma visão que para mim era extraordinária, da glória do filho de Deus, como mediador entre Deus e o homem, e Sua maravilhosa, grande, plena, pura e doce graça e amor, humilde e gentil condescendência. Essa graça que parecia tão calma e doce também parecia grande, acima dos céus. A pessoa de Cristo apareceu inefavelmente marcante, com excelência o suficiente para tragar todos os pensamentos e concepções. Isto continuou, tanto quanto posso julgar, por cerca de uma hora;

mantendo-me a parte maior do tempo em uma enxurrada de lágrimas e chorando em voz alta. Senti um ardente desejo, o que não sei expressar de outra maneira, de esvaziar-me e aniquilar-me; deitar no pó e estar cheio de Cristo somente; amá-lo com um amor santo e puro; confiar nele; viver para ele; servir a Ele e ser purificado, com uma pureza divina e celestial.”⁸

A intersecção dessas tradições não é apenas possibilidade, mas realidade. Contudo, a conclusão não está numa relação de necessidade entre elas, mas apenas de plausibilidade, visto que sim, o pentecostalismo cresceu mais amplamente a partir de uma consciência arminiana, ou sobre o fundamento de *alguma coisa* sinergista próxima. No entanto, a proposta em questão apenas tenciona mostrar como o pentecostalismo dependeu também de esforços reformados, bem como, também, entre os reformados já se podia ver algumas indicações de doutrinas pentecostais.

O pentecostalismo não tem suas raízes em ambientes estritamente arminianos, nem a história reformada está amalgamada a um cessacionismo rígido como o de B.B Warfield ou John MacArthur. Mesmo hoje,

fortes proponentes calvinistas, como o recém falecido J. I. Packer, entendem o movimento pentecostal como uma atuação do Espírito, até recusando proposta de escrever críticas a ele (embora Packer tenha feito algumas, as fez corretamente, a meu ver).⁹ Assim, em termos históricos, ou da história da teologia, vemos que há perfeitamente uma harmonia em denominar-se *pentecostal reformado* ou, como prefiro chamar, *pentecostal calvinista*.

Há a necessidade de uma observação antes de prosseguirmos: a defesa não é pela paixão por um termo, mas porque, ao usarmos o termo e defendermos a plausibilidade de sua utilização, estamos defendendo como doutrina algumas crenças distintivas de tradições diferentes que, no uso do termo, unem-se, apesar de que, no próprio termo, aparecem como doutrinas distintivas. Segue-se, então, uma defesa ainda mais importante: a teológica.

A avaliação histórica tem sua importância em um contexto específico, mas a questão realmente relevante é o que a Palavra de Deus diz, pois nela encontra-se a instrução divinamente revelada, não oriunda da interpretação ou da arbitrariedade humana, mas de Deus (2 Pedro 1.20,21). Somente a palavra de Deus

⁵ Ibid, Pág. 85.

⁶ Ibid, Pág. 105.

⁷ Ibid, Pág. 115.

⁸ Ibid, Pág. 91.

⁹ Packer, J. I. *Caminhando no poder do Espírito* (Vida Nova, 2019), Pág. 13.

oferece crença verdadeira e justificada (Salmos 19.9). Portanto, bastaria que a Bíblia guiasse a nossa consciência, pois diante dela a tradição é irrelevante. Se a Bíblia afirma X e Y, em tese não precisaríamos descobrir uma tradição que afirma X e que talvez até negue Y, enquanto encontramos outra afirmando Y e negando X, para então juntarmos os nomes dessas tradições a fim de podermos afirmar, simultaneamente, X e Y. Absolutamente, a despeito de qualquer tradição, X e Y valem porque são verdades de Deus.

Destarte, o termo *Reformado Pentecostal* ou *Reformado Calvinista* deve, em última instância, apenas apresentar um recurso mnemônico a fim de demonstrar que as antigas doutrinas da Graça, os dons para hoje, o batismo no Espírito etc., fazem parte de nossas convicções em oposição a quem nega totalmente essas doutrinas ou as afirma em fragmentos. Portanto, ao referir-se sobre um pentecostalismo reformado ou calvinista, quer dizer alguém que repensou, sob a luz da Escritura, algumas posições reformadas e pentecostais, selecionando as doutrinas distintivas que estão corretas, descartando as equivocadas.

Uma corrente teológica popular entre os pentecostais é o arminianismo, ou um sinergismo próximo a ele. Essa descrição se dá pela razão de não ser popular o arminianismo entre os pentecostais como tal, antes, na maior parte dos casos, uma variação Semipelagiana sinérgica é o pensamento dominante, e essa confusão não ocorre apenas entre os leigos, mas mesmo entre os teólogos pentecostais.

Tomemos por exemplo a Assembleia de Deus (AD), maior igreja pentecostal do mundo, e uma das pioneiras do pentecostalismo brasileiro. Em sua revista de EBD, *Lições Bíblicas*, mais precisamente naquela publicada no 4º trimestre de 2017, sob o título “*A obra da salvação*”, a AD localiza sua compreensão como arminiana, inclusive, trazendo um breve histórico da vida de Armínio, para, em seguida, revelar sua posição sobre o livre-arbítrio:

“O livre-arbítrio é a possibilidade que os seres humanos têm de fazer escolhas e tomar decisões que afetam seu destino eterno, especificamente se tratando da salvação. Isso quer dizer que cabe a cada um deixar-se convencer pelo Espírito Santo para ser salvo por Jesus ou não, embora Deus dê a todos a oportunidade da salvação. No Jardim do Éden, o

Criador outorgou o livre-arbítrio ao homem (Gênesis 2.16,17); a Israel deu também essa prerrogativa (Deuteronômio 30.19); e à humanidade o Altíssimo possibilitou escolha entre o caminho da salvação ou o da perdição (Marcos 16.16)”.¹⁰

Essa opinião contrasta até mesmo com a visão que Armínio tinha sobre o assunto, pois não vê a Graça como causa eficiente da salvação, mas a escolha humana. Sobre esse ponto diz Armínio:

“Em sua condição primitiva, tendo vindo das mãos do Criador, o homem foi dotado com uma porção de conhecimento, santidade e poder, para capacitá-lo a entender, estimar, considerar, desejar e fazer o bem, de acordo com o que lhe foi dado como missão. No entanto, ele não podia realizar nenhum desses atos, exceto com o auxílio da graça divina. Mas em seu estado de descuido e pecado, o homem não é capaz de pensar, nem querer, ou fazer, por si mesmo, o que é realmente bom; pois é necessário que ele seja regenerado e renovado em seu intelecto, afeições e desejos, e em todos seus poderes, por Deus, em Cristo, por intermédio do Santo Espírito, para que possa ser corretamente qualificado para entender, estimar, considerar, desejar e fazer aquilo que realmente seja bom. Quando ele é feito participante dessa regeneração ou renovação,

¹⁰ POMMERENING, Claiton Ivan. *Lições Bíblicas – A Obra da Salvação: Jesus Cristo é o caminho*,

a verdade e a vida (CPAD, 2017), Pág. 57.

considero que, estando liberto do pecado, ele é capaz de pensar, de querer e fazer aquilo que é bom, mas ainda não sem a ajuda continuada da graça divina.”¹¹

Mesmo em Armínio, portanto, é possível localizar a obra da salvação como eficiente em Deus, não no homem, não um “*deixar-se convencer pelo Espírito Santo*”. A posição adotada pelo teólogo e comentarista da revista está mais para um *semi-pelagianismo* do que para o arminianismo propriamente dito. Ainda assim, ambas as posições são sinergistas e apresentam erros grosseiros na compreensão da mecânica da salvação, ou algo ainda anterior, a doutrina dos decretos de Deus.

A confusão arminiana decorre do raciocínio raso ao tomar textos como Gênesis 2.16,17, que mostra Deus dizendo a Adão que “*de toda árvore do jardim comerás livremente*”, sem entender que liberdade é um termo relativo; somos livres em relação a umas coisas e não em relação a outras. Nesse caso, o homem nunca é livre dos conselhos de Deus: “*O coração do homem planeja o seu caminho, mas o Senhor dirige os seus passos*” (Provérbios 16.9). No caso de Gênesis, não havia impedimentos materiais que pudessem tolher o homem de

comer dos frutos, salvo um preceito para não comer da árvore do conhecimento do bem e do mal. Entretanto, segue-se que havia uma ordem de categoria metafísica, nos decretos de Deus, que tinha o pecado como certo no Éden. Assim, os textos se harmonizam e não precisam de um apelo ao paradoxo ou mistério para aceitar ambas as abordagens textuais. A Queda foi tão certa quanto a salvação, e Deus mantém sua justiça e bondade porque Ele é a régua que define esses termos. Se Ele é justo ante sua Palavra (Salmos 116.5), não é o raciocínio depravado humano que dirá o contrário, pois Deus aniquila a sabedoria deste mundo que tenta entender tudo pelos seus próprios critérios (1 Coríntios 1.19,20).

“Quem és tu, que a Deus replicas? Porventura a coisa formada dirá ao que a formou: Por que me fizeste assim? Ou não tem o oleiro poder sobre o barro, para da mesma massa fazer um vaso para honra e outro para desonra?” (Romanos 9.20,21).

À vista disso, depreende-se que o arminianismo e/ou seus primos semipelagianos tanto negam a soberania divina como posta nas Escrituras, como o *modus operandi* de

Deus para salvar os eleitos, pois é Ele quem cria uns para honra e outros para desonra.¹²

Ao rejeitar o arminianismo, um pentecostal sente-se seduzido pela teologia das igrejas reformadas, subscritas nos ditames da Confissão de Fé de Westminster, ou semelhantes a essa – como a de Londres ou *de Savoy*. O problema muitas vezes é sair de um erro rumo a outro. Por mais que haja muitos pontos que sejam corretamente defendidos pelas igrejas reformadas, nota-se que em muitas delas há uma forte resistência em crer nos dons, que chamam de extraordinários, de maneira contemporânea, isso sem falar sobre a pobreza de entendimento no que tange ao Batismo no Espírito ou sobre as curas divinas.

Por exemplo, Thomas R. Schreiner, um batista reformado, comentando sobre a doutrina do Batismo no Espírito, resolve avaliar um texto-prova da doutrina em Atos 8.4-24, que narra a experiência dos samaritanos. Schreiner observa que a linguagem usada no texto é “*receber o Espírito*”, e não “*batismo do Espírito*”,¹³ mas essa primeira observação é irrelevante, visto que existem doutrinas que são

¹¹ ARMÍNIO, Jacó. *As obras de Armínio* (CPAD, 2015), Pág. 284-285.

¹² Uma excelente refutação ao arminianismo e até mesmo ao calvinismo inconsistente pode ser

encontrada na obra *A soberania banida: Redenção para a cultura Pós-moderna* (Cultura Cristã, 1998), de R. K. McGregor Wright.

¹³ SCHREINER, Thomas. *Dons espirituais* (Vida Nova, 2019), Pág. 54.

apresentadas na Escritura através de termos que podem ser diferentes daqueles achados no nome das respectivas doutrinas, mas que são conceitos análogos. A título de exemplo, podemos citar a doutrina da justificação pela fé, ensinada por Paulo em Romanos 5, mas também pelo apóstolo João, que também ensina sem usar o termo “justificação” em sua exposição da doutrina (João 3.15). Então, Schreiner prossegue em sua explicação:

“[...] como explicar o que está acontecendo? A melhor resposta é que o Espírito não foi dado imediatamente aos samaritanos por causa da ruptura cultural entre judeus e samaritanos. [...] Aqui entendemos porque, então, o Espírito não foi derramado quando os samaritanos creram em Jesus, mas quando os apóstolos Pedro e João impuseram as suas mãos sobre eles. O propósito para a demora na concessão do Espírito foi o desejo do Senhor de acabar com o rompimento cultural e teológico entre judeus e samaritanos [...] Na união de judeus e samaritanos na igreja de Jesus Cristo, vemos o cumprimento de Ezequiel 37, que profetizou a reunião dos reinos do norte e do sul. [...] O intervalo temporal na experiência dos

samaritanos entre o crer em Jesus e o receber do Espírito foi um evento singular na história da redenção, determinado por Deus para revelar o rompimento da barreira entre judeus e samaritanos. Isso nunca mais voltou a acontecer e nunca mais acontecerá. Não há base nessa história para concluir que o batismo do Espírito é posterior à conversão.”¹⁴

A explicação de Schreiner pode ser avaliada em algumas camadas. Na primeira, no propósito do texto, existem várias informações sobre quem eram os samaritanos aos judeus, da grande intriga cultural, mas, então, ele conecta essa informação, mais o propósito de união dos povos, ao suposto propósito do evento de Atos 8 da vinda posterior do Espírito, e a pergunta imediata é, qual é o elo entre as primeiras proposições e a última? Nenhum!

A segunda camada seria do ponto de vista lógico da argumentação, isto é, que ela não cabe num silogismo, a conclusão não provém das premissas necessariamente: os samaritanos eram odiados pelos judeus; havia uma promessa de união; logo, o Espírito vindo após a fé e o batismo é o sinal dessa união.

O silogismo arranjado dessa forma falha por não haver uma premissa maior, uma menor e a conclusão provinda delas. Então, se falha em lógica, já deveria ser descartada de imediato. Por fim, a explicação falha no ponto de vista da *analogia fidei*.¹⁵ Veja, Jesus diz que os seus discípulos conhecerão que Ele está no Pai e o Pai está nele quando enfim receberem o Espírito (João 14.16-20); o Espírito é o responsável por convencer do pecado, justiça e juízo (João 16.8); a obra do Espírito sucedera imediatamente a partida de Cristo conforme fora prometida. Com toda certeza, Schreiner crê nessas verdades, mas as rejeita com a interpretação sobre o texto de Atos, deixando essa enorme lacuna e contradição entre os textos.

Para piorar as coisas, ele solta a sentença de que “*isso nunca mais voltou a acontecer e nunca mais acontecerá*” - uma afirmação que é totalmente arbitrária e sem sentido. Mesmo se levássemos em conta, supostamente, que ele corretamente observou o texto, o fato é que Schreiner não pode garantir a não ocorrência de um evento no futuro se não haver uma clara indicação no texto de singularidade do evento, mesmo porque houve uma

¹⁴ Ibid, Pág. 55.

¹⁵ Segundo Barth, a *analogia entis* é o abominável caminho que vai de baixo para cima, com a presunção de que a partir da terra se penetre no

mistério divino. O caminho correto seria o que parte da revelação de Deus - de cima para baixo; é o caminho da *analogia fidei*. É a partir da fé que o cristão compreende a

verdade de Deus e não se baseando na sua própria razão. (https://pt.wikipedia.org/wiki/Teologia_de_Karl_Barth)

repetição em Atos 19, entre os efésios – nesse ponto, Schreiner falha novamente ao avaliar o texto.

Uma explicação que não agride a obra do Espírito na salvação dos homens deve ser levada em conta para a exegese do texto, a fim de que o princípio de *analogia fidei* não seja ferido. É interessante como o teólogo puritano Matthew Henry interpreta esse texto:

“Como Pedro e João fizeram progredir e amadurecer os que entre os samaritanos eram sinceros: porque sobre nenhum deles tinha ainda descido [...] o Espírito Santo (vv. 15,16), nesses poderes extraordinários que foram transmitidos pela descida do Espírito no dia de Pentecostes. Nenhum deles foi dotado com o dom de línguas, que era então o efeito imediato habitual do derramamento do Espírito. O dom de línguas era um sinal marcante para os que não criam e de serviço excelente para os que criam. Os samaritanos não tinham este ou outros dons, mas somente eram batizados em nome do Senhor. Eles estavam entregues e interessados no que era necessário para a salvação, e nisto eles tinham grande satisfação (v.8), mesmo que não falassem em línguas. Os que realmente se entregam a Jesus e experimentam as influências e operações

santificadoras do Espírito da graça possuem toda razão para serem gratos [...] Temos razão em pensar que Filipe recebera estes dons do Espírito Santo, mas que não tinha poder para dá-los. Os apóstolos tinham de ir até lá para fazerem isto.”¹⁶

Mesmo Henry, um reformado em que não há dolo, vê em linhas claras o sentido do texto. O batismo no Espírito pode vir acompanhado de sinais sobrenaturais, como o falar em línguas, ou outro dom sobrenatural. Aqui, o fato de Simão oferecer dinheiro para poder realizar o que ocorreu pelas mãos dos apóstolos (Atos 8.18,19), sugere que houve algo extraordinário naquele lugar, diferente da obra da salvação no interior do homem, que de imediato é totalmente vedado aos olhos humanos. Com base na teologia que se expressa principalmente nos escritos lucanos, de a Igreja seguir os passos de Cristo, que teve um ministério poderoso em palavras e obras (Lucas 24.19), para a Igreja sob o poder do Espírito, do mesmo modo, está reservado ser poderosa em palavras e obras, tal como foram Estevão (Atos 6.8,10) e Felipe, no presente caso. Observe que os dois não eram apóstolos, mas diáconos, e no caso de Estevão, concordo com a observação de Roger Stronstad sobre este ser no Novo Testamento a imagem

mais nítida de Cristo nessa relação de poder em obras e palavras.¹⁷ Então, esse poder não está ligado a um alto clero apostólico, mas a quem o Senhor conceder seus dons. O Batismo no Espírito pode ser buscado como ocorreu em Atos 2, e essa doutrina não é exclusiva dos pentecostais e alguns puritanos, mas mesmo entre os reformadores da primeira onda, como Ulrico Zwinglio, cria-se na mesma doutrina:

“O batismo do Espírito Santo é duplo. Primeiro, há o batismo pelo qual todos são submersos para dentro dos que creem em Cristo. [...] Segundo, há o batismo externo do Espírito Santo, assim como há o batismo das águas. Encharcados com isso, homens piedosos começaram ao mesmo tempo a falar em línguas estranhas (Atos 2.4-11). [...] Esse último batismo do Espírito Santo não é necessário, mas o primeiro é tão necessário que ninguém pode ser salvo sem ele. [...] Agora, não estamos todos imbuídos com o sinal de línguas, mas todos nós, que somos piedosos, tornamo-nos fiéis pela iluminação e atração do Espírito.”¹⁸

A doutrina do Batismo no Espírito é importante na doutrina pentecostal, tal como o foi na igreja primitiva. É digno de nota que o livro do

¹⁶ HENRY, Matthew. *Comentário Bíblico Novo Testamento - Atos a Apocalipse* (CPAD, 2015), Pág. 85.

¹⁷ STRONSTAD, Roger. *Teologia lucana sob exame* (Editora Carisma, 2018), Pág. 180.

¹⁸ MENZIES, Robert P. *Pentecostes: essa história é a nossa história* (CPAD, 2016), Kindle, Pos. 947.

Bp. Walter McAllister sobre pentecostalismo reformado tem um sério defeito. O livro é muito bom e apresenta com fidelidade a proposta tanto reformada quanto pentecostal. Todavia, McAlister comete um erro fulcral ao crer nos dons espirituais para o tempo presente, mas não crer na doutrina do Batismo no Espírito¹⁹ tal como o faz a linha tradicional do pentecostalismo. Sendo assim. McAlister não é, nesta proposta, um pentecostal reformado, mas um calvinista continuísta.

O pentecostal reformado, por fim, busca seu ponto de partida na Escritura, seu

axioma, seu primeiro princípio.

Dela, deduz toda a sua doutrina, sem estar amarrado aos erros da tradição – tanto da tradição pentecostal, quanto da tradição reformada. Não obstante, ainda há muito a observar, como a relação com a cura divina, a teologia pactual, a escatologia, supra e infralapsarianismo...

Ainda assim, ficou estabelecido que o *pentecostal reformado* não pode renunciar à doutrina do Batismo no Espírito Santo, da qual podemos deduzir outras doutrinas de caráter pneumatológico, bem como da

doutrina dos decretos podemos deduzir toda a metafísica reformada e a soteriologia dos cânones de Dort.



Dilson de Assis Batista Neto, ou Dilson Neto, é pastor auxiliar na Assembleia de Deus em Belém-PA, no templo Vileta. Formado em teologia pelo SETAD e bacharelado em Engenharia Elétrica pela UFPA, tem 27 anos, e é casado com Kathleen P. M. Batista. Pai de Heitor.

¹⁹ MCALISTER, Walter. *O pentecostal reformado* (Vida Nova, 2018), Pos. 3325.

EXISTE O PENTECOSTAL REFORMADO?



Por mais incisivas que sejam tais posições, ambas se acham demarcadas no arraial da Igreja de Cristo, aguardando os servos de Deus a graça de obter maiores esclarecimentos, mediante a iluminação concedida pelo Espírito Santo.

Discute-se, em nossos dias, a eventual existência do “*pentecostal reformado*”, num momento em que se verifica – há, pelo menos, uma década – a simpatia de pentecostais brasileiros por pregadores, igrejas e doutrinas de matriz reformada, associada a um movimento mundial de revigoração do Calvinismo.

Longe de ser uma questão distante ou meramente acadêmica, trata-se aqui de um fenômeno prático e, de algum modo, constatado pela Igreja brasileira, com aspectos e desdobramentos que se evidenciam no cotidiano, como, por exemplo, os seguintes:

(a) o crescente compartilhamento, por pentecostais, de conteúdo criado por expositores e influenciadores reformados;

(b) a migração de crentes pentecostais para igrejas reformadas, a exemplo da Igreja Presbiteriana do Brasil (IPB);

(c) a maior presença, nas igrejas pentecostais, de irmãos que se definem como “calvinistas”;

(d) a discussão (frequentemente polarizada) entre pentecostais e calvinistas em torno de seções da teologia sistemática inscritas sob as categorias da soteriologia, da pneumatologia e da escatologia, paralelamente à presença, no debate, de um segmento que se identifica com elementos doutrinário-teológicos de uma e outra perspectiva;

(e) a publicação de livros e a realização de eventos destinados à defesa dos pontos doutrinários da Fé Pentecostal, contando com um inédito esforço por identificar a soteriologia pentecostal como explicitamente “arminiana” (em reação ao avanço da soteriologia calvinista).

Feita esta síntese do fenômeno de que ora se cuida, e antes de formular uma tentativa de resposta para a questão do “pentecostal reformado”, é importante compreendermos o que se entende por *Pentecostalismo* e por *Fé Reformada*, partindo da premissa de que se trata de duas confissões entrelaçadas

na grande árvore do Protestantismo Histórico. Vejamos, pois:

Pentecostalismo é a confissão protestante e evangélica proveniente do chamado “*Movimento Pentecostal*”, que, por sua vez, tem suas origens demarcadas em 1901, com Charles Fox Parham (1873-1929), e 1906, com William Joseph Seymour (1870-1922), e se caracteriza fundamentalmente pela crença de que o batismo no Espírito Santo é revestimento de poder, evidenciado inicialmente pelo falar em línguas, além de defender a contemporaneidade dos dons espirituais.

Conquanto se associe à teologia pentecostal uma escatologia dispensacionalista (de linha pré-milenista pré-tribulacionista), não há dúvida de que o batismo com fogo evidenciado pela *glossolália* constitui o elemento distintivo da tradição pentecostal.

Com efeito, a doutrina do batismo no Espírito Santo evidenciado por línguas não apenas caracteriza a teologia pentecostal como situa historicamente o Movimento em relação aos outros ramos do Cristianismo Histórico.

Vale recordar que tanto o Pentecostalismo como o *Movimento Holiness* são herdeiros do Wesleyanismo, o qual também originou o Metodismo. No processo de formação e consolidação da

teologia pentecostal como a conhecemos, houve antecedentes como a “perfeição cristã”, o conceito wesleyano de santidade e a relação entre batismo no Espírito Santo e os frutos da vida cristã, até que se sedimentasse o entendimento pentecostal de que o batismo com fogo se presta ao serviço cristão (dons espirituais), enquanto a santidade está vinculada ao caráter (fruto do Espírito).

Antes de prosseguir, é preciso anotar que, quando se fala aqui em “formação e consolidação da teologia pentecostal”, bem como em “antecedentes” dessa teologia, não se está a afirmar um processo de invenções doutrinárias, mas, sim, a *redescoberta* de uma doutrina, uma ênfase decorrente dessa redescoberta e uma *construção teológica* correspondente. Pode-se acrescentar o fato de que, no curso da história cristã, os progressos da Igreja não se deram por criações humanas, mas por retorno a aspectos da Palavra de Deus que se haviam obliterado.

Dito isso, veja-se que o que caracteriza o pentecostal não é simplesmente a crença na contemporaneidade dos dons espirituais, mas, sim, a concepção de que o batismo no Espírito Santo é revestimento de poder evidenciado inicialmente pelo falar em línguas. Por crer desse modo, o pentecostal se insere no

chamado “*continuísmo*”, perspectiva na qual se acham todos os que entendem ser possível acessar os dons espirituais na atualidade. Diferentemente dos *continuístas*, os *cessacionistas* entendem que os dons espirituais *cessaram*, em razão do desempenho de um papel singular nos dias apostólicos, que não mais seria propiciado por Deus, ou se manifestaria de forma episódica.

Portanto, é correto admitir que *todo pentecostal é continuísta, mas nem todo continuísta é pentecostal*, pois há quem creia na atualidade dos dons espirituais sem enxergar o batismo no Espírito Santo como experiência diferente da conversão, e há quem creia na atualidade dos dons espirituais e no batismo no Espírito Santo como experiência de revestimento de poder sem que as línguas sirvam de evidência física inicial.

Entre os continuístas estão os crentes pentecostais, os “*neopentecostais*”,²⁰ os crentes das igrejas históricas “*renovadas*”, os metodistas-wesleyanos e os herdeiros do Movimento de Santidade, os quais, em seu conjunto, formam o gradiente “*pentecostal-carismático*”. Ao

lado dessas classes, os *calvinistas não cessacionistas* se posicionam sob a grande categoria dos continuístas.

Os calvinistas continuístas podem ser tidos por “reformados pentecostais”? Salvo juízo mais atilado, a resposta é “não” – cuida-se apenas de irmãos calvinistas que acreditam na contemporaneidade dos dons espirituais.

Passando, agora, à *Fé Reformada*, tem-se que o termo “reformado” está historicamente relacionado às igrejas de teologia calvinista: bem por isso, vimos utilizando os termos de modo intercambiável, haja vista o uso corrente.

Num sentido amplo, pode-se afirmar que todo protestante é “reformado” porque adere aos Cinco Solas da Reforma do Séc. XVI: *Sola Scriptura, Sola Gratia, Sola Fide, Solus Christus, Soli Deo Gloria...* Todavia, num sentido mais estrito, reformados são os que subscrevem certas declarações de fé, como a Confissão de Fé de Westminster, além dos Cinco Pontos do Calvinismo, encartados no Sínodo de Dort (Depravação Total, Eleição Incondicional, Expição

Limitada, Graça Irresistível e Perseverança dos Santos).

Se, como visto anteriormente, um calvinista continuísta não é o mesmo que um “reformado pentecostal”, haveria, por outro lado, um “pentecostal reformado”? Para haver, de fato, algum “pentecostal reformado”, não seria rigorosamente necessário existir uma confissão classificada como ... “Pentecostalismo Reformado”?

Tal reflexão pode parecer, a alguns, demasiado simples, mas a realidade eclesiástica dos pentecostais que se apresentam como calvinistas na soteriologia (e, às vezes, também na escatologia) demanda uma atenção especial, mesmo porque um exame mais acurado demonstrará certamente uma diversidade entre os próprios “pentecostais reformados”: alguns podem ser pentecostais quanto ao batismo no Espírito e calvinistas na soteriologia (e, quiçá, na escatologia); outros podem ser carismáticos (não pentecostais) calvinistas; e outros, ainda, podem ser apenas pentecostais que apreciam a pregação expositiva, bem como a

²⁰ À falta de um termo mais apropriado ou de uma classificação mais precisa, fala-se dos “neopentecostais” brasileiros como identificados com a Terceira Onda do Pentecostalismo, que, surgida na

década de 1970, consiste num imenso “guarda-chuva” sob o qual se abrigam componentes heterogêneos como teologia da prosperidade, triunfalismo, distorções da doutrina bíblica de batalha espiritual,

Movimento Judaizante, *marketing* agressivo, impérios financeiros, teologia do domínio, emocionalismo pseudopentecostal, *worship* e traços de Igreja Emergente.



Enquanto pastores reformados abrem a Bíblia para expor o texto conforme o método histórico-gramatical de interpretação, o que sobeja nos púlpitos pentecostais é a pregação alegórica, sensacionalista, triunfalista, emocionalista, pseudopentecostal...



liturgia e a organização das igrejas históricas.

Foi pensando no caráter momentoso do tema que, para a elaboração deste artigo, busquei as contribuições de alguns teólogos brasileiros (tanto reformados, quanto pentecostais), tendo recebido resposta dos que seguem: Augustus Nicodemus Gomes Lopes, Elinaldo Renovato de Lima, Renato Vargens e Solano Portela.

A todos os teólogos que procurei foram propostas duas questões, sendo a primeira justamente se existe o *Pentecostalismo Reformado*. Vejamos sucintamente como esses queridos irmãos nos responderam a essa primeira indagação:

RENATO VARGENS, pastor (reformado) da Igreja Cristã da Aliança, em Niterói-RJ, disse gostar “muito do termo *carismático*”, adicionando a seguinte explicação:

“Até porque a visão de batismo com Espírito Santo de um reformado é bem diferente de um pentecostal”.

Tal consideração do pastor Renato Vargens está em consonância com o argumento ora defendido.

SOLANO PORTELA, presbítero e estudioso da IPB, respondeu à mesma pergunta por meio de um texto, que transcrevo:

“A designação de ‘Pentecostalismo Reformado’ talvez seja colocar um rótulo em um segmento da Igreja Evangélica que cresceu basicamente em seio arminiano. No entanto, eu diria que existem, sim, Pentecostais Reformados – aqueles que através de um estudo sério e aprofundado das Escrituras se convencem de alguns alicerces doutrinários característicos da Reforma do Século 16 – como a Soberania de Deus em todas as áreas, inclusive nos aspectos soteriológicos.

Estes compreendem que é Deus que opera em nós ‘tanto o querer como o realizar, segundo a sua boa vontade’ e que desde a eternidade separou um povo para si. Aqueles que se apercebem que é um exercício fútil tentar conciliar essas duas verdades – a regência soberana divina e a nossa responsabilidade humana e se rendem à proclamação mera e simples da Palavra, proclamando as boas novas de salvação a todos, verificando que não somos chamados a sermos ‘pesquisadores de predestinados’, mas declaradores das verdades do único nome no qual há salvação. E, assim persuadidos, descansam, mas não ficam inertes, no ensino de que somos salvos para sempre não por nossas próprias forças, mas que estamos seguros pelo poder de Deus, que nos deu nas mãos de Jesus. Muitos desses constataam que o Espírito fala através da iluminação da Palavra que ele próprio inspirou, e que não há nada não-espiritual no estudo dessa mesma Palavra, que é a revelação firme, segura e está acima de qualquer suposta revelação contemporânea” [grifos do original].

AUGUSTUS NICODEMUS, pastor da Igreja Presbiteriana do Recife-PE, recomendou-nos o vídeo “No que diferem os reformados dos pentecostais e no que concordam?”, publicado no canal “Em Poucas Palavras”, onde ele responde a variadas indagações de interesse do mundo cristão. Como o vídeo

aborda exatamente a questão suscitada, será oportuno mencionar algumas de suas passagens:

Em resumo, o pastor Augustus Nicodemus entende que as tradições reformada e pentecostal são distintas, historicamente separadas por cerca de 400 anos, mas compartilham as crenças “do Credo Apostólico, a base do Cristianismo” (Trindade; Jesus como Filho de Deus; Espírito Santo; Bíblia como a Palavra de Deus infalível, dada por revelação divina, sendo regra de fé e prática; necessidade da Igreja; necessidade do batismo e Ceia do Senhor; liderança por meio de pastores; Segunda Vinda de Jesus; Juízo Final; Céu e Inferno; Novos Céus e Nova Terra).

Quanto às diferenças, o pastor paraibano entende que

“a Bíblia ocupa um lugar muito mais central no pensamento reformado do que no pensamento pentecostal, a julgar, por exemplo, [pela] necessidade, [pelos] requerimentos de preparação de obreiros” (cita explicitamente o estudo de teologia e disciplinas afins).

Em contrapartida,

“pelo menos no início do Movimento Pentecostal, boa parte da bagagem que o pastor trazia p’ra o púlpito era da sua experiência pessoal, da sua habilidade retórica, de contar

histórias”, pelo que “já era considerado como obreiro...”.”

Em seguida, o pastor Augustus afirma ser justo dizer que hoje há um “*reconhecimento novo da necessidade do estudo*”, com instituições de teologia e exigência de preparo teológico. Outra diferença, a seu ver, seria o fato de os reformados darem preferência à pregação expositiva, ao passo que entre os pentecostais a pregação expositiva seria “*rara*”.

Prosseguindo, o pastor Augustus destaca a doutrina do batismo no Espírito Santo, que para os reformados seria o mesmo que a conversão; o “dom de línguas”, visto por eles como tendo cessado no período apostólico, quando teria sido um sinal de identificação dos novos crentes incorporados à Igreja; a profecia, que na teologia reformada seria a própria pregação da Palavra; e a “revelação”, que, no entendimento reformado, afastaria “novas revelações” mediadas por “sonhos, visões e coisas dessa natureza”; a afinidade do Pentecostalismo com o pensamento de Armínio e de Wesley; e o fato de o culto reformado ser “centrado na pregação”, com reverência e sacramentos, e não nas “emoções” e “experiências”, a ponto de ir a extremos (como quedas, gritos, pulos e danças...).

O pastor **ELINALDO RENOVARO DE LIMA**,

presidente da Assembleia de Deus em Parmamirim-RN, enviou um áudio expondo seu entendimento sobre as questões apresentadas. Para o pastor assembleiano, “*não é condizente essa expressão ‘Pentecostalismo Reformado’*”, sendo unimaginável haver “*pentecostais reformados*”. Em sua concepção, uma igreja para ser “reformada” teria de ser, antes, “deformada” – a Igreja Católica Apostólica Romana – e não a Igreja do Senhor Jesus, que “*segue os princípios dos Evangelhos, dos Atos dos Apóstolos e das Epístolas*”. Lutero, Calvino, Zúínglio levantaram-se contra a “apostasia” da Igreja Católica, “*que não seria cristã*”. Além de não haver “igreja reformada”, não haveria tampouco “igreja pentecostal reformada”. O pastor é enfático: “*Ou é Pentecostalismo bíblico ou não existe Pentecostalismo*”.

Como se pode constatar, todas as contribuições corroboram o entendimento de como pentecostais e reformados pertencem a confissões distintas. Trata-se de teólogos moderados: nenhum deles é anticalvinista ou antipentecostal, e, ao mesmo tempo, nenhum deles deixa de considerar sua perspectiva doutrinária como a mais correta – em tempos de politicamente correto, alguns pensam que conviver harmoniosamente é abdicar de princípios, mas o amor cristão

não exige nem autoriza atitude desse tipo.

A unidade cristã não impede que haja acentuadas diferenças de pensamento: da mesma forma que o pastor Augustus Nicodemus enxerga a Fé Reformada como mais centralizada na Bíblia do que a Fé Pentecostal, o pastor Elinaldo Renovato considera que a Fé Pentecostal é mais correta por não crer num Deus “tirano”, cujo decreto encaminha arbitrariamente à perdição. Por mais incisivas que sejam tais posições, ambas se acham demarcadas no arraial da Igreja de Cristo, aguardando os servos de Deus a graça de obter maiores esclarecimentos, mediante a iluminação concedida pelo Espírito Santo.

Gostaria, ainda, de pontuar alguns elementos na fala do pastor Augustus: percebo nele o cuidado de ressaltar que algumas coisas tidas por distorcidas no Movimento Pentecostal estariam mais relacionadas ao seu início, a exemplo do que poderíamos chamar de “anti-intelectualismo”, o qual, longe de ser uma característica essencial da identidade pentecostal, foi uma circunstância histórica; observo também que o combate aos comportamentos estranhos, às falsas profecias e às “novas revelações” é algo compartilhado pelos crentes pentecostais conservadores, que lutam pela “Sã Doutrina”.

As coisas errôneas descritas pelo pastor reformado, as quais nós igualmente combatemos, não se inserem no rol daqueles costumes que são fundamentais ao Pentecostalismo, antes, isto sim, tais coisas são “inovações”, “meninices” e “fogo estranho”, que o pentecostal bem orientado procura afastar de sua comunidade.

Mas, voltando à questão discutida, e com todo o respeito aos que pensam de forma diferente, a história mostra-nos que não existe uma confissão de fé identificada com o “*Pentecostalismo Reformado*”, tampouco um sistema teológico que promova a fusão da Fé Pentecostal com a Fé Reformada – pentecostais e calvinistas filiam-se a confissões de fé histórica e doutrinariamente delimitadas. O fato de haver irmãos que se definem como “pentecostais reformados” não significa que exista a categoria do “*Pentecostalismo Reformado*”: a expressão, por si, não induz à realidade por ela sugerida. O que existe, sim, são irmãos do gradiente pentecostal-carismático que subscrevem as chamadas “Doutrinas da Graça”, ou seja, a soteriologia calvinista.

Por mais que muitos pentecostais, em sua aproximação com os reformados, se tornem adeptos da *TULIP* ou do *amilenismo*, entendo que a maior “força

atrativa” dos reformados vem a ser, na verdade, a boa pregação expositiva que costuma habitar em seus púlpitos.

Enquanto pastores reformados abrem a Bíblia para expor o texto conforme o método histórico-gramatical de interpretação, o que sobeja nos púlpitos pentecostais é a pregação alegórica, sensacionalista, triunfalista, emocionalista, algo que podemos chamar de pseudopentecostal, a ponto de se transmitir a falsa ideia de que o Pentecostalismo se define por pregações improvisadas e comportamentos bizarros, que tentam imitar as reações físicas e emocionais eventualmente manifestas em períodos de despertamento espiritual.

Há, sem dúvida, uma imensidão de crentes pentecostais famintos, ávidos pela pregação serena, firme e sistemática da Palavra de Deus, o que certamente explica muito do que vimos testemunhando em termos de adesão de pentecostais a pregadores reformados – os crentes almejam receber o “alimento sólido” (cf. 1 Coríntios 3.1,2; Hebreus 5.14). Existem, sim, púlpitos pentecostais sedimentados na Bíblia, mas não é isto o que tem sobressaído.

Entretanto, a ausência do “*Pentecostalismo Reformado*”

não inibe a possibilidade de pentecostais e reformados cooperarem no reino de Deus – este foi o segundo tema proposto aos pastores que consultei. Todos eles, apesar de eventuais divergências – mais ou menos incisivas – entenderam que essa cooperação pode ocorrer.

Ao responder à pergunta “*Em que sentido pentecostais e reformados podem andar juntos no reino de Deus?*”, **RENATO VARGENS** disse que, “*independente do termo ‘carismático’ ou ‘pentecostal’, podemos caminhar juntos, sim*”.

SOLANO PORTELA assim se pronunciou:

“Só existe um Deus, um caminho e nome pelo qual há salvação (Jesus Cristo) e um só Espírito. Pessoas que são verdadeiramente crentes pelo sangue remidor de Cristo Jesus, por mais que formulem diferentemente suas persuasões teológicas, quando estiverem orando – orarão a um Deus soberano sobre todo o universo e a confiança para sua salvação estará posta em Cristo Jesus, e se o Espírito Santo não tivesse aberto os olhos para a condição de pecado em que as pessoas (em seu estado natural) se encontram, não seriam agregadas ao Corpo de Cristo. Essa ‘salvação comum’, que é mencionada por Judas (1.3), é o grande ponto de contato do Povo de Deus. Auxilia muito isso ver tanto a

abertura de comunhão advinda do campo chamado “reformado”, como notar que muitos, no campo chamado “pentecostal”, não têm enfatizado com a mesma força de umas cinco ou seis décadas atrás as diferenças doutrinárias que os levavam a ter como parte da liturgia de cada ajuntamento tais peculiaridades, mas têm se dedicado à exposição integral da Palavra e recobrado a ênfase de que o Espírito Santo ‘não fala de si mesmo’, mas aponta e revela a Cristo [grifos do original].

No vídeo já mencionado, **AUGUSTUS NICODEMUS** expressa-se no sentido de que reformados e pentecostais devem promover a unidade cristã.

O pastor **ELINALDO RENOVATO DE LIMA**, no áudio já referido, afirmou que é possível haver cooperação entre reformados e pentecostais, mesmo fazendo forte ressalva quanto à doutrina calvinista da predestinação.

É claro que somos diferentes! Se pentecostais e calvinistas pensassem da mesma forma, não seriam... pentecostais e calvinistas! O que mais importa é saber se somos, de fato, cristãos.

Antes de sermos pentecostais ou reformados, somos cristãos, protestantes e evangélicos: cristãos porque seguimos a Cristo, e não a deuses estranhos; protestantes porque

não aceitamos a autoridade do Papa nem quaisquer outros meios de salvação senão a Fé em Jesus Cristo; *evangélicos* porque a Bíblia é nossa única regra de fé e prática, dada a conversão por nós experimentada.

Mais do que isso, somos *evangélicos no sentido contemporâneo* porque entendemos, entre outras coisas, o princípio da *cobeligerância* quanto à promoção da mensagem cristã a toda criatura (cf. Marcos 16.15), enquanto mantemos nossas divergências em temas não fundamentais. Podemos atuar juntos em diversas atividades no reino de Deus, notadamente na evangelização, na educação

cristã, nas missões, na apologética, na teologia pública, na disseminação de uma cosmovisão cristã, influenciando positivamente a sociedade.

Não pensa desse modo o cristianismo progressista, que prefere o “diálogo interreligioso” com as correntes de onde promanam a teologia da libertação, o *desconstrucionismo*, as hermenêuticas alternativas e as teologias inclusivas, razão pela qual precisam classificar como “racionalismo” e “logocentrismo” o apego à Bíblia como Palavra divinamente inspirada, inerrante, infalível, autoritativa, suficiente, compreensível, absoluta e

eterna, pressupostos que reformados e pentecostais guardam no coração quando leem as Escrituras.

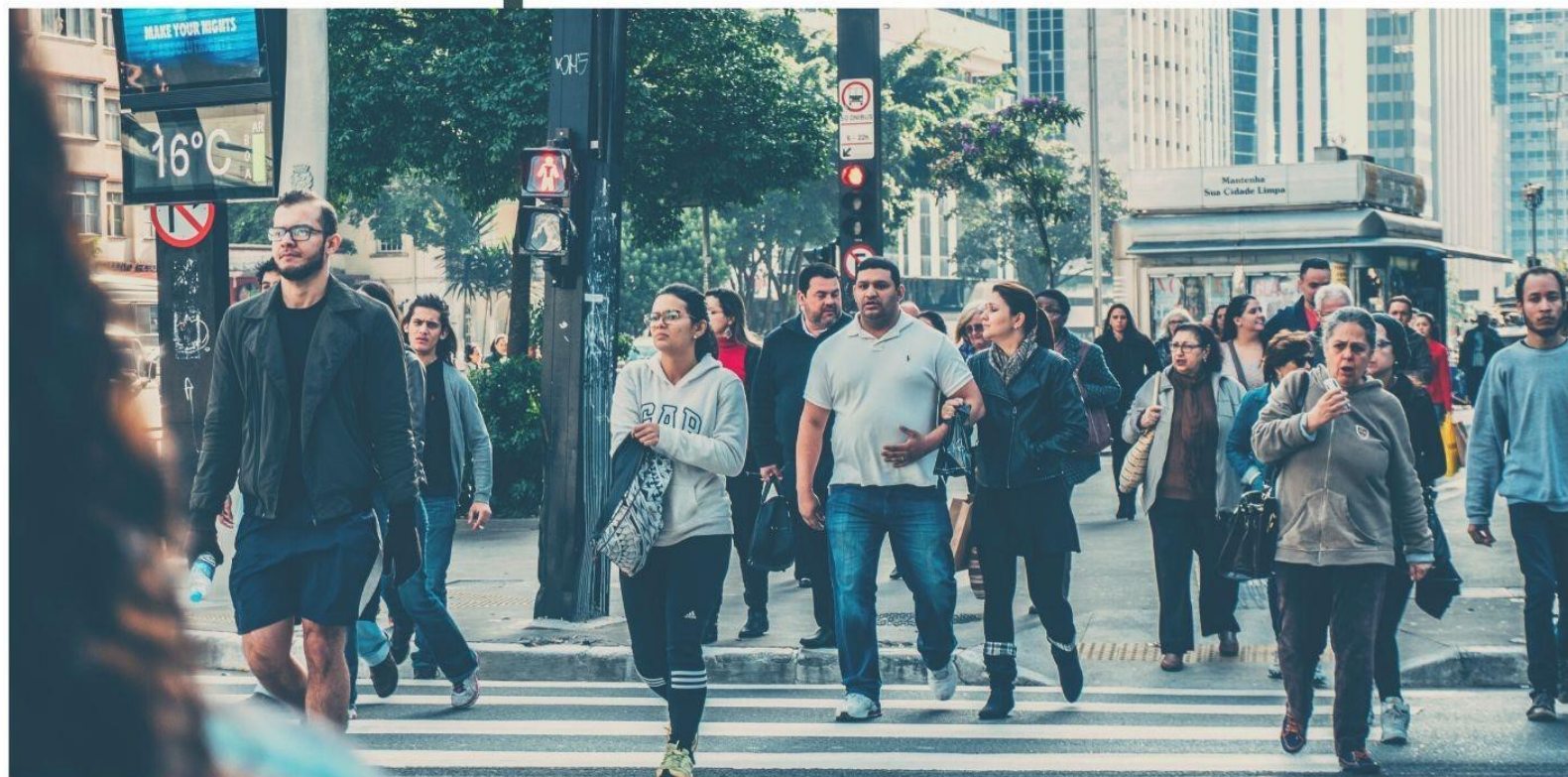


Alex Esteves da Rocha Sousa é Co-pastor da sede administrativa da Assembleia de Deus em Salvador-BA; bacharel em direito; membro da comissão de ensino e do conselho de ética da Assembleia de Deus em Salvador.

FÉ CRISTÃ
E
POLÍTICA

O CRISTIANISMO E AS IDEOLOGIAS

Parte II: as origens e a consolidação
da esquerda política



MAS, A
IGREJA
PRIMITIVA
NÃO ERA
COMUNISTA?

Porque do céu se manifesta a ira de Deus sobre toda a impiedade e injustiça dos homens, que detêm a verdade em injustiça. Porquanto o que de Deus se pode conhecer neles se manifesta, porque Deus lho manifestou. Porque as suas coisas invisíveis, desde a criação do mundo, tanto o seu eterno poder, como a sua divindade, se entendem, e claramente se veem pelas coisas que estão criadas, para que eles fiquem inescusáveis; porquanto, tendo conhecido a Deus, não o glorificaram como Deus, nem lhe deram graças, antes em seus discursos se desvaneceram, e o

seu coração insensato se obscureceu. Dizendo-se sábios, tornaram-se loucos. E mudaram a glória do Deus incorruptível em semelhança da imagem de homem corruptível, e de aves, e de quadrúpedes, e de répteis. Por isso, também, Deus os entregou às concupiscências de seus corações, à imundícia, para desonrarem seus corpos entre si; pois mudaram a verdade de Deus em mentira, e honraram e serviram mais a criatura do que o Criador, que é bendito eternamente. Amém. Por isso Deus os abandonou às paixões infames. Porque até as suas

mulheres mudaram o uso natural, no contrário à natureza. E, semelhantemente, também os homens, deixando o uso natural da mulher, se inflamaram em sua sensualidade uns para com os outros, homens com homens, cometendo torpeza e recebendo em si mesmos a recompensa que convinha ao seu erro. E, como eles não se importaram de ter conhecimento de Deus, assim Deus os entregou a um sentimento perverso, para fazerem coisas que não convêm; estando cheios de toda a iniquidade, fornicação, malícia, avareza, maldade; cheios de inveja, homicídio, contenda, engano, malignidade; sendo murmuradores, detratores, aborrecedores de Deus, injuriadores, soberbos, presunçosos, inventores de males, desobedientes aos pais e às mães; néscios, infiéis nos contratos, sem afeição natural, irreconciliáveis, sem misericórdia; Os quais, conhecendo o juízo de Deus (que são dignos de morte os que tais coisas praticam), não somente as fazem, mas também consentem aos que as fazem.” (Romanos 1:18-32)

Muito já foi escrito, desde meados do século XIX até hoje, acerca da incompatibilidade do cristianismo com as doutrinas revolucionárias da chamada esquerda política. Homens de Deus foram e continuam sendo levantados para relembrar os crentes acerca desta verdade. A razão para tal não é outra, senão que as forças profundas por trás da mentalidade revolucionária são extremamente eficazes em adaptá-la, disfarçá-la, modernizá-la, não obstante seus objetivos sejam os mesmos desde a sua gênese, a saber:

- + **substituir** a noção de pecado pela culpa da sociedade;
- + **substituir** Deus Pai por uma ideologia;
- + **substituir** a redenção conquistada Cristo na cruz por uma revolução social humanista através do Estado;
- + **substituir** a direção e o agir do Espírito Santo pelos postulados dos pensadores revolucionários;

+ **substituir** o papel da Igreja visível como sal da terra e luz do mundo (Mateus 5:13,14) pela militância política (políticos, partidos, movimentos identitários, entidades de classe etc.);²¹

Não nos enganemos. A esquerda política não é uma mera visão ou prática política, mas uma **seita** de uma falsa **religião** chamada **humanismo**,²² que poderia ser muito bem uma paródia sombria do cristianismo. O Humanismo, como pensamento filosófico, surgiu com a Renascença e é intimamente relacionado ao **iluminismo**.²³ Ao contrário da Reforma Protestante, que buscava livrar a Igreja de todos os desvios e acréscimos teológicos e práticos do romanismo, e levar o homem a um relacionamento mais correto com Deus, o humanismo foi na direção contrária: em meio à crise de identidade da Igreja, colocou homem no centro de tudo.²⁴

²¹ SOUZA, Eguinaldo Hélio. *Por que o marxismo odeia o Cristianismo*. Portal Conservador. Disponível em https://portalconservador.com/p-or-que-o-marxismo-odeia-o-cristianismo/ > Acesso em 13 de out. de 2020.

²² *O humanismo não é ciência, é religião*. Público, 11 de fevereiro de 2007. Disponível em >https://www.publico.pt/2007/02/11/jornal/o-humanismo-nao-e-

ciencia-e-religiao-120916#:~:text=O%20humanismo%20n%C3%A3o%20%C3%A9%20ci%C3%AAncia%2C%20mas%20religi%C3%A3o%20%2D%20a%20f%C3%A9%20p%C3%B3s,futuro%20seria%20como%20o%20passado > Acesso em 13 de out. de 2020.

²³ RUSHDOONY, Mark R. *Irrational Humanism: The Reasoned Application of a False Worldview*. Chalcedon Foundation, 29 de abr. de

2019. Disponível em https://chalcedon.edu/resources/articles/irrational-humanism-the-reasoned-application-of-a-false-worldview > Acesso em 13 de out. de 2020.

²⁴ EDWARDS, Fred. *What is Humanism?* American Humanist Association, 2008. Disponível em >https://americanhumanist.org/what-is-humanism/edwards-what-is-



Entre os braços perniciosos desta mentalidade antropocêntrica estavam os crescentes **cientificismo** e **secularismo**.²⁵ Por uma questão de foco, não tratarei do primeiro, mas continuarei versando sobre os desdobramentos do segundo.

As origens da esquerda política

Nem todo cristão conhece, embora devesse, as origens ativa e essencialmente anticristãs da esquerda. Para tal, precisaremos recobrar os eventos que culminaram em seu surgimento.

Na Revolução Francesa do século XVIII, o rompimento com o Antigo Regime (caracterizado por uma

monarquia absolutista que tinha relação muito próxima com o poderoso clero papista), foi a principal luta dos chamados **liberais**. À medida que o Antigo Regime era derrubado no país e uma nova ordem social se estabelecia, os liberais, que incluíam burgueses e proletários, passaram a se distinguir tanto em relação aos objetivos como aos métodos para alcançá-los. Os primeiros tornaram-se os **liberais conservadores** ou **moderados**, que se contentavam com um sistema representativo de governo e uma relação com o Estado que os permitisse mais liberdade de empreender e lucrar. Os **girondinos** franceses representavam esta ala, que se posicionava **à direita** do rei na Assembleia Nacional daquele

**CRER QUE UM
ESTADO SECULAR E
ATIVAMENTE
LAICISTA PODE
GLORIFICAR A DEUS
COM POLÍTICAS
ASSISTENCIALISTAS
É TERCEIRIZAR A
CARIDADE CRISTÃ A
UM FALSO DEUS;
LOGO, É INCORRER
EM IDOLATRIA.**

humanism/ > Acesso em 12 de out. de 2020.

²⁵ RUSHDOONY, Rousas John. *Freud* (Brasília, DF: Editora Monergismo, 2010).

país. Os segundos ficariam conhecidos como **liberais democratas**, os quais continuavam a demandar mais divisão do poder com as classes populares, motivo pelo qual eram considerados revolucionários ou extremistas. Tornaram-se então conhecidos como **jacobinos** e ficavam à **esquerda** do monarca na referida Assembleia. Assim, surgiu a identificação do posicionamento de ambos no espectro político. Mais do que o primeiro grupo, os liberais democratas demandavam fortemente um estado laico, uma característica marcante da mentalidade secularista. Os princípios da Revolução Francesa – “*Igualdade, liberdade e Fraternidade*” tornaram-se ecumênicos, ou seja, passaram a ser exportados e adotados em diversos países pelo mundo.²⁶

Da Revolução Francesa a Marx: a esquerda política ganha um rosto

Deste modo, o ideário jacobino foi uma das bases do desenvolvimento posterior do pensamento político socialista, que ganharia força após as teorias e manifestos desenvolvidos por Karl Marx no século seguinte.²⁷ O **marxismo**, como ficou conhecido o conjunto de postulados sociais e econômicos formulados pelo pensador prussiano, viria a se tornar o grande guarda-chuva das ideias à esquerda até aos dias de hoje. A doutrina marxista inclui críticas ao capitalismo e teorias como o **materialismo histórico**, uma abordagem metodológica que visa explicar as relações sociais e políticas entre homens ao longo da história, atribuindo o surgimento das classes sociais, por exemplo, meramente ao modo de produção dos seres humanos.²⁸ Do marxismo, nasceram variantes como o **trotskismo** e o **leninismo**.

Resumidamente falando, todas pressupunham uma revolução proletária com vistas ao comunismo. Este, por sua vez, seria uma maximização do Estado com vistas a aboli-lo, num hipotético e ideal futuro onde toda a humanidade viveria em igualdade.²⁹ No fim das contas, o resultado prático e historicamente documentado foi o **stalinismo**, responsável por um dos sistemas políticos e socioeconômicos mais falhos e mortíferos da história humana.³⁰ Um modelo que perpetrou genocídios em escalas inacreditáveis na União Soviética e demais nações para onde o ideal foi exportado, a exemplo de China, Camboja, Vietnã, Cuba, Coreia do Norte e países africanos diversos. Na verdade, a contagem de mortos continua a subir, seja pela fome ou pela violência estatal inerentes a tal regime.³¹ Desnecessário dizer, mas sempre pertinente lembrar, é o fato de que todos os pensadores revolucionários

²⁶ MITAL, Prachi. *Essay on the Ideological Differences between the Girondists and the Jacobins*. Preserve Articles. Disponível em https://www.preservearticles.com/history/essay-on-the-ideological-differences-between-the-girondists-and-the-jacobins/14592 >; Acesso em 12 de out. de 2020.

²⁷ LÖWY, Michael. *The Poetry of the Past: Marx and the French Revolution*. New Left Review. Disponível em https://newleftreview.org/issues/117/articles/michael-lowy-the-poetry-of-the-past-marx-and-the-french">

revolution >; Acesso em 12. de out. 2020.

²⁸ MARX, Karl. *A Contribution to the Critique of Political Economy*. Progress Publishers, Moscow, 1977, with some notes by R. Rojas. Disponível em https://www.marxists.org/archive/marx/works/1859/critique-pol-economy/preface.htm >; Acesso em 12 de out. de 2020.

²⁹ *Definições Resumidas Marxismo, Marxismo-Leninismo, Stalinismo, Trotskismo, Maoísmo, Foquismo. Anarquista – Anarquismo*, 11 de abr. de 2014. Disponível em https://www.anarquista.net/definico">

es-resumidas-marxismo-marxismo-leninismo-stalinismo-trotskismo-maoismo-foquismo/ >; Acesso em 12 de out. de 2020.

³⁰ NORTH, Gary. *O Socialismo na Prática: O laboratório da Morte*. Mises Brasil, 6 de mar. de 2014. Disponível em https://www.mises.org.br/article/1341/o-socialismo-na-pratica--o-laboratorio-da-morte >; Acesso em 12 de out. de 2020.

³¹ VALENTINO, Benjamin A. *Final Solutions: Mass Killing and Genocide in the 20th Century*. (Cornel University Press, 2004).

bem como ditadores comunistas eram (são) **ativa e declaradamente** anticristãos. Em todos os países supracitados, a Igreja foi (é) severamente perseguida.³²

Mas, a Igreja Primitiva não era comunista?

Neste ponto, alguém poderia indagar se a Igreja Primitiva não praticava uma forma de comunismo, com base, por exemplo, em alguns excertos do livro de Atos. Sobre este assunto, Cairns (2008) esclarece:

*“Passagens como Atos 2.44-45 e 4.32 parecem sugerir a prática de um tipo utópico de socialismo baseado no princípio máximo do socialismo: ‘Cada um dá segundo sua capacidade, e recebe segundo sua necessidade.’ Porém, devemos observar, em primeiro lugar, que aquela era uma medida **temporária**, possivelmente concebida para atender as necessidades de muitos que não moravam em Jerusalém e queriam aprender mais sobre a doutrina da nova fé antes de voltarem para suas casas. O fato que tudo era feito **voluntariamente** é mais*

importante ainda. Pedro afirmou claramente em Atos 5.3-4 que Ananias e Safira tinham liberdade para reter ou vender sua propriedade. O ter tudo em comum era uma decisão de caráter fundamentalmente livre. A Bíblia não pode ser usada para dar autorização escriturística ao controle do capital pelo Estado.”³³

Embora nem todos saibam, o erro de tentar entender o cristianismo como primordialmente um discurso de compartilhamento de bens, recursos e propriedades, é mais bem antigo do que o surgimento da esquerda política. O **ebionismo**, uma seita herética judaico-cristã que existiu nos primeiros séculos da história da Igreja, já advogava um padrão de pobreza voluntária, despojamento de propriedades e partilhamento igualitário de bens como prática obrigatória à ética cristã. Entre as demais heresias e erros ensinados pelos ebionistas, estavam a descrença na divindade de Jesus (algo endossado pela teologia liberal) e a necessidade de adoção de uma dieta vegetariana,³⁴ outro

traço comum a alguns movimentos revolucionários modernos.³⁵ Tertuliano (c. 160 – c. 220) e Epifânio (c. 310-320 – 403) combateram a heresia ebionista.^{36 37}

A esquerda além da abordagem da revolução proletária

Sem espaço e necessidade de adentrar os vastos pormenores históricos e teóricos do assunto, o fato é que o humanismo, esta religião secular, tenta explicar e solucionar as mazelas da humanidade sem considerar o pecado. Busca identificar responsáveis pelos avanços ou problemas sociais sem levar em conta a providência, controle, as bênçãos e os juízos de Deus. E, como consequência lógica e não menos trágica, busca a redenção da humanidade através de uma revolução materialista, meramente política e quase sempre violenta. Do mesmo modo que o liberalismo teológico e o cientificismo são os tentáculos humanistas infiltrados na teologia e na ciência, respectivamente, a esquerda política, seja ela personificada

³² CONSTANTINO, Rodrigo. *A Perseguição aos Cristãos nos Países Socialistas*. Gazeta do Povo. 17 de out. de 2018. Disponível em <https://www.gazetadopovo.com.br/rodrigo-constantino/artigos/perseguiçao-aos-cristaos-nos-paises-socialistas/> Acesso em 12 de out. de 2020.

³³ CAIRNS, Earle Edwin. *O Cristianismo Através dos Séculos*. (3ª Ed. São Paulo. Vida Nova, 2008). P. 50.

³⁴ KOHLER, Kauffman. *Ebionites*. *Jewish Encyclopedia*. Disponível em <http://jewishencyclopedia.com/articles/5411-ebionites> Acesso em 13 de out. de 2020.

³⁵ DE SOUZA, Robson Fernando. *10 mitos sobre a relação entre o veganismo e o capitalismo*. Veganagente, 26 de out. de 2017. Disponível em <https://veganagente.com.br/10-mitos-veganismo-capitalismo/> Acesso em 13 de out. de 2020.

³⁶ TERTULIANO, *Against All Heresies*. New Advent. Disponível em <https://www.newadvent.org/fathers/0319.htm> Acesso em 13 de out. de 2020.

³⁷ EPIFÂNIO. *The Panarion of Epiphanius of Salamis: Book I (sects 1-46)*. (Brill; 2nd Revised, Expanded, 2008). Pág. 131.

no marxismo ou quaisquer outras doutrinas vermelhas adjacentes, é o **braço do humanismo na vida pública**.³⁸ Marx (1843) chega a dar o veredicto de que

*“a religião é o ópio do povo. A abolição da religião enquanto felicidade **ilusória** dos homens é a exigência da sua felicidade real.”*³⁹

Talvez os cristãos de hoje já tenham entendido, à luz da própria história e da experiência, que o comunismo, consequência última da aplicação do ideário esquerdista, é sinônimo de totalitarismo, violência, miséria e morte. Esquerdistas “moderados” entenderam isso há muito tempo e passaram a rejeitar o rótulo de “comunista” em favor do não menos famigerado “socialista”. A definição em si mostra apelo pela preocupação social bem como emana uma aura mais branda. No âmbito da ciência política, é muito comum alguns inocentes verem com bons olhos a **social-democracia** e seu carro chefe, o *welfare state*, ou “estado de bem-estar social”. O que talvez não saibam é que tanto a

referida ideologia, como a sua principal política social têm origem nos postulados da **Sociedade Fabiana**, associação de pensadores responsável por uma corrente do socialismo fundada no século XIX que, embora divergisse do marxismo em método, partilhava dos mesmíssimos objetivos.⁴⁰ Sabem menos ainda que muitos dos pressupostos da social democracia foram a base do **fascismo**,⁴¹ implementado por Benito Mussolini na Itália em meados do século XX, cujo lema era “*Tudo para o Estado, nada contra o estado, nada fora do Estado*”. É impossível conceber declaração de *estatolatria* maior do que este excerto de um pronunciamento do referido ditador em 1920.⁴² Por mais que sejamos condescendentes e nos esforcemos para atribuir algum crédito ao Estado ou a políticos como benfeitores sociais, é sempre importante ter em mente que, na política, há sempre uma grande discrepância entre o discurso e a prática. Entre a teoria e a realidade (Cf. Jeremias 17:5). Nem tudo aquilo que nos é vendido como “preocupação social” o é de fato. Para o

cristão, em especial, trata-se de uma pouco perceptível, mas grave desvirtuação de *cosmovisão*. Crer que um Estado secular e ativamente laicista pode glorificar a Deus com políticas assistencialistas é terceirizar a caridade cristã a um falso deus (Cf Salmo 146:3-9); logo, é incorrer em idolatria. Como diria Rushdoony:

*“A maior parte dos seus impostos vai para educação e assistencialismo. Isso significa que, quer você goste ou não, você está pagando vários dízimos a cada ano para financiar um plano humanista de salvação.”*⁴³

Até agora, podemos examinar a origem essencialmente humanista e concomitantemente idólatra da esquerda política. De igual modo, seu inerente ódio a noção de que o mundo é criado, mantido e governado por Deus (Romanos 1:18-22,25) e sua pretensão de substituir a Igreja como agente social na Terra. Na terceira parte desta série de artigos, veremos como a esquerda é “*inventora de males*” (Romanos 1:30) e “*entregue a sentimentos perversos*” (Romanos 1.28),

³⁸ RUSHDOONY, Rousas John. *Social Justice*. Chalcedon Foundation. Disponível em <<https://chalcedon.edu/resources/articles/social-justice>> Acesso em 13 de out. de 2020.

³⁹ MARX, Karl. *Crítica de la Filosofía del Estado de Hegel* (Editorial Biblioteca Nueva, Madrid, 2010).

⁴⁰ THOMSON, George. *The Tindemans Report and the European*

Future. 01 de mar. de 1976. Disponível em <<http://aei.pitt.edu/10796/1/10796.pdf>> Acesso em 12 de out. De 2020.

⁴¹ FLYNN John. *The Road Ahead: America Creeping Revolution* (The Devin-Adair Company, 1949) Pág. 149.

⁴² SCHMITZ, Sandro. *Um pouco mais de veracidade histórica, por favor?*

Instituto Millenium, 15 de maio de 2018. Disponível em <<https://www.inveracidade-historica-por-favor/>> Acesso em 13 de out. de 2020.

⁴³ RUSHDOONY, Rousas John. *Our Threatened Freedom: A Christian View on the Menace of American Statism*. E-Book Kindle.

assim como os que aprovam sua rebeldia contra o Senhor (Romanos 1:32). [CONTINUA NA PRÓXIMA EDIÇÃO]

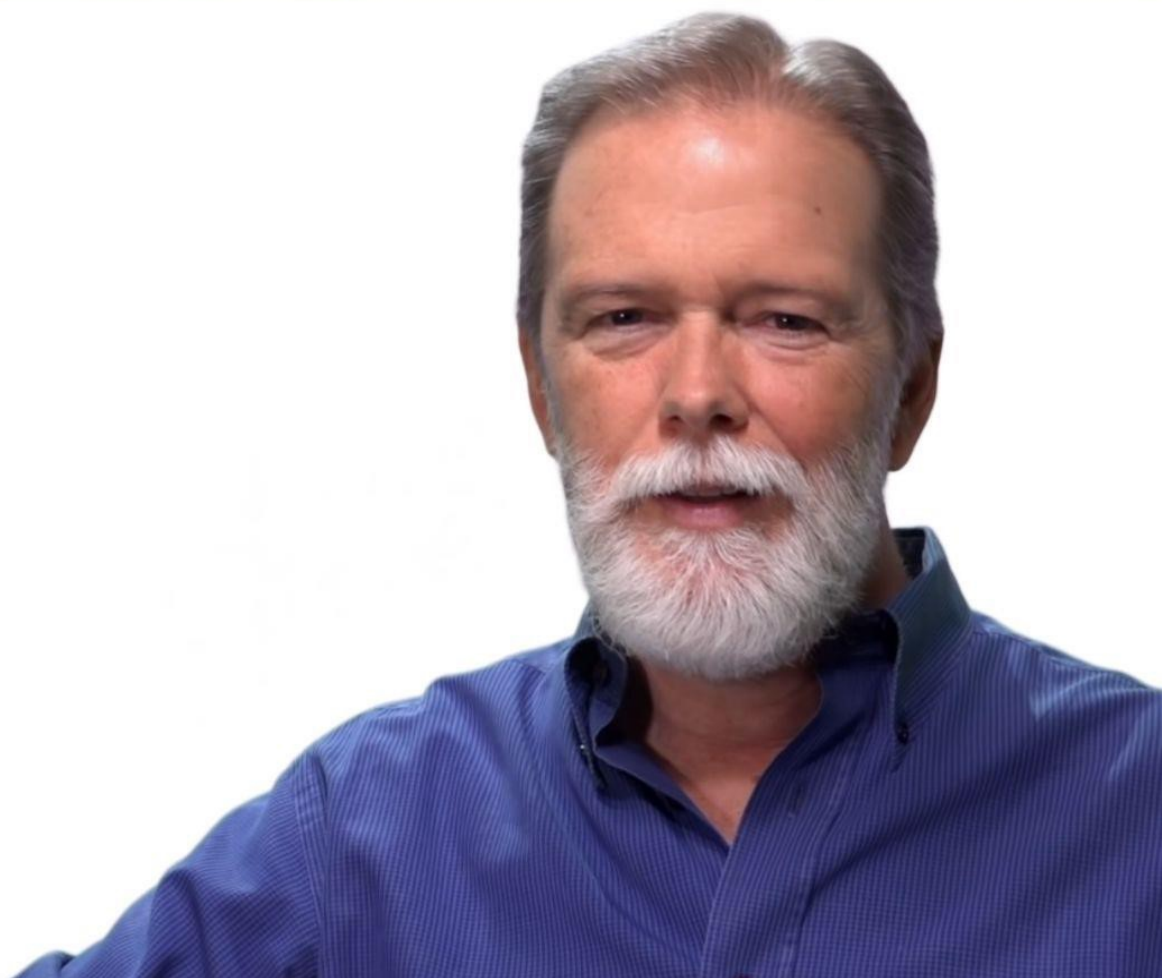


Frederico Bragança é professor de Língua Inglesa no Watford Natal e de Teoria e Prática do Estudo Bíblico no Instituto de Educação e Cultura. Bacharel em Relações Internacionais pela Universidade Potiguar e pós-graduando em Docência do Ensino Superior e Teologia na Universidade Cândido Mendes. Serve na Igreja como professor da Escola Bíblica da Congregação Presbiteriana do Alto da Candelária, em Natal (RN). Casado.



CONVERSANDO COM O

Bispo Walter McAlister



Na segunda semana do mês de novembro de 2020, com um atraso considerável, estivemos pensando em alguns nomes de irmãos aos quais poderíamos abordar a fim de registrarmos a entrevista para a edição nº 6 da Revista Fé Cristã. Tendo em mente esta temática da possibilidade de um pentecostalismo reformado, acabamos chegando à conclusão de que não são muitos os irmãos que, no Brasil, estão perfeitamente habilitados para falar sobre o assunto. Dentre estes poucos, percebemos que, ao abordarmos o assunto de uma perspectiva favorável, positiva, estaríamos fazendo com que cada um [ou quase todos] se sentisse desconfortável com o tema, visto que não concordam teologicamente com a sua possibilidade. Assim, nos restaram três nomes, e contatamos os três. Contudo, o mais desejado para a entrevista era o Bispo Walter, devido ao fato de que, tanto o seu pai quanto a igreja da qual faz parte há décadas e que lidera há muitos anos, têm longa história nas duas tradições: pentecostal e reformada. A ideia ficou ainda mais atraente quando levamos em conta que o Bispo é, juntamente com seu filho John McAlister, autor do livro *O Pentecostal Reformado*, uma joia da teologia brasileira. Felizmente, o Bispo foi o único que prontamente nos atendeu.

Por incrível que pareça, o primeiro contato foi via *Messenger*, do *Facebook*. Por fim, no dia 16 de novembro de 2020, uma segunda-feira, às dez da manhã, tivemos a oportunidade de gravar a entrevista que reproduzimos integralmente abaixo. Que você possa ser edificado!

MOTTA – Bispo, uma expressão pela qual eu me apaixonei em seu livro, *O Pentecostal Reformado*, e que pode ser encontrada logo no primeiro capítulo (é o subtítulo), é esta: “*uma vida de confluência de Azusa com Genebra*”. É possível viver essa vida de confluência de Azusa com Genebra, sem ser chamado de incoerente e sem enfrentar a incoerência dentro da própria cabeça? É possível ser um pentecostal reformado?

BP. WALTER - Bom, na própria cabeça você vê que eu estou resolvido. Agora, quanto a não ser combatido, eu acho isso algo impossível. Existe muito preconceito dos dois lados. Há muito preconceito entre os pentecostais contra os reformados e há muito preconceito entre os reformados contra os pentecostais. Também existem exageros dos dois lados. Você tem o cessacionista extremo do lado dos reformados, ou aqueles que dizem “não, para ser um reformado você tem, necessariamente, que ser um presbiteriano”, e por outro lado, você tem os pentecostais que acham que os reformados

são frios, ou são hereges, por não afirmarem a segunda bênção, línguas como evidência inicial, e por afirmarem o cessacionismo. Então, certamente, um pentecostal reformado vai ser combatido. Agora, como você vê no livro, há uma harmonização perfeita - só que, nela, você não abraça as posturas assumidas pelos representantes clássicos dos dois lados - isso você não pode fazer.

MOTTA – No título do capítulo 2 do seu livro, encontramos o seguinte questionamento: “*Afinal, o que é um cristão pentecostal? As muitas vertentes do pentecostalismo e a necessidade de arrumar a casa.*” A primeira linha deste mesmo capítulo foi iniciada da seguinte maneira: “*o universo pentecostal é no mínimo complexo*”. Eu vejo muito esta questão de que nem um pentecostal, em muitas vezes, sabe definir a si mesmo. Nisso, eu também vejo que quem está de fora, ou boa parte dos que estão de fora, como, por exemplo, os reformados, não sabem definir o que é o pentecostalismo. Pergunto: o que propriamente é um pentecostal e o que é o pentecostalismo?

BP. WALTER – É, o livro discorre sobre isso também. É impossível definir o pentecostal como uma coisa só. O próprio Craig Keener, que é um autor pentecostal

consagrado e que tem vários livros importantes, e que também é um conhecido meu, enfim, ele diz “olha, é impossível definir um pentecostal, hoje, porque, desde o início, o pentecostalismo sempre foi um movimento muito diverso, com muitas vertentes”. Inclusive, o próprio pentecostalismo não começou em Azusa - o pentecostalismo moderno começou na Índia, anos e anos antes de Azusa, liderado principalmente por mulheres, ao mesmo tempo em que a história pentecostal, no que tange ao Ocidente, é muito a partir de Azusa. Desde o início, sempre houve muitas vertentes do pentecostalismo, como, por exemplo, a que não crê na Trindade... você tem um pentecostalismo que afirma a segunda bênção só para missões, há outros que afirmam a segunda bênção como “a capacidade de aprender novas línguas” [só para missões, também], outros que se colocam nesta categoria, digamos, de pentecostais carismáticos, que não afirmam as línguas, mas que afirmam os dons de modo geral... é muito diversificado e, hoje, você tem centenas de milhões de pessoas ao redor do mundo que afirmam que são pentecostais, ou carismáticas, de todas as linhas possíveis - você tem até católicos que se identificam como católicos carismáticos. Então, você pode dizer: “bom, a Assembleia de Deus é isso...” Aí, tudo bem. Se você quiser definir as

Assembleias de Deus, isso será algo muito fácil, porque você estará falando de uma única denominação. Mas, assim como os presbiterianos não são donos do rótulo “reformado”, do mesmo modo as Assembleias de Deus não são donas do rótulo, da rubrica pentecostal. Ou seja, hoje, o pentecostalismo é um movimento quase que impossível de ser definido, a não ser que você não se restrinja a categorias teológicas. Aí sim, você vai poder ver que o pentecostalismo é, principalmente, uma espiritualidade definida por um imaginário social.

MOTTA – Dentro disso, o que diferencia o pentecostal do neopentecostal?

BP. WALTER – Bom, você tem um leque enorme que vai desde os pentecostais clássicos, entre os quais já há grandes diferenças [entre vários deles] ... por exemplo, você tem esta linha dos pentecostais clássicos, que vai desde Congregação Cristã do Brasil, Quadrangular, Assembleia de Deus, em que já há diferenças [em comparação com] os pentecostais da linha de Kenneth Hagin, como a Verbo da Vida... Há grandes diferenças entre esses grupos. Os neopentecostais, de modo geral, podem ser conhecidos como aquele grupo que, a partir dos anos 80, aliou a sua teologia ao neoliberalismo econômico, no qual a

prosperidade individual e o sucesso pessoal, o bem-estar, se tornaram o mote principal da vida, o alvo principal. E isto foi traduzido para os cultos de oração, nos quais a mensagem da cruz já não era mais central, certamente já não era o mais enfatizado. O que foi mais enfatizado foram os benefícios conseguidos através de correntes de oração, de objetos abençoados, de vários artifícios que seriam utilizados para mobilizar a fé – eu diria que essa é a ênfase principal dos neopentecostais. Em muitas igrejas neopentecostais, nem a Bíblia é usada mais, ou, se ela é usada, é muito abusada.

MOTTA – Então, tendo em vista essa última resposta, lhe pergunto: o que o pentecostalismo se tornou ao longo desses últimos cem anos? O pentecostalismo não é muito mais rejeitado entres os reformados por causa dessas coisas que a gente vê no neopentecostalismo, esse andar de mãos dadas com a teologia da prosperidade e com os extremismos, do que por defender a continuidade dos dons extraordinários e uma segunda bênção, e a soteriologia arminiana?

BP. WALTER – Bom, acho que os reformados “raiz” nunca deixaram de rejeitar o pentecostalismo. Eles acenam com uma certa aceitabilidade às Assembleias de Deus, aos adeptos da qual eles chamam de clássicos. Supostamente

respeitam. Não respeitam, mas supostamente respeitam, porque é muito fácil acenar para os moderados e usar os radicais como objeto de desprezo. Mas, a verdade é que o pentecostalismo não é aceito, nem o clássico é aceito de fato. Eles [os reformados] aceitam alguns pentecostais como pessoas, digamos, idôneas, embora considerem sua teologia como absurda. Então, para ser bem franco, você tem pessoas reformadas, até presbiterianas, que são bem abertas para a comunhão, para o diálogo e tal, mas, na hora do “vamo ver”, na prática, não é bem assim. Um pentecostal não seria chamado para pregar numa convenção reformada. Gostam - os reformados gostam quando nós [pentecostais] aparecemos em suas conferências. Gostam, falam “poxa, que bom ter você aqui”. Mas, nós nunca somos convidados para palestrar, nunca. Nunca. Então, nós não somos chamados para a mesa, apenas para a sala – quem se senta à mesa é o reduto. E há uma razão para isso: principalmente entre os presbiterianos você vê que a questão toda, o fundamento do ministério entre os presbiterianos é a docência, ou seja, você tem que ser mestre. Você tem que ser defensor da sua teologia. Por isso, não há margem para uma comunhão maior. Claro, há pessoas que transitam muito bem entre os pentecostais. O mais destacado é o Hernandes Dias Lopes que é um estadista, e é o pregador

do Brasil. Este homem é crente mesmo. Não que os outros não sejam, mas ele transita muito bem [entre as diferenças] e é muito bem aceito, e ele aceita muito bem os pentecostais. Todavia, não há um grande trânsito entre os pentecostais e os reformados.

MOTTA – Falando um pouco mais do senhor, e é claro que temos sempre este asterisco de que o senhor já tratou desses assuntos no livro, mas, falando para os leitores da revista que não tiveram acesso à obra *O Pentecostal Reformado*: qual foi o seu ponto de partida ao abraçar a teologia reformada? Como foi esse início?

BP. WALTER – O início, às vezes, não é tão claro quanto parece ser. Contar a história parece ser algo muito fácil. A verdade é que meu pai [Robert McAlister] começou a abordar certos assuntos que fazem parte da teologia reformada sem, contudo, conhecer a teologia reformada formalmente. Meu pai não tinha formação teológica de seminário. Então, ele lia tudo o que caía em suas mãos, o que fez com que ele acabasse abraçando a teologia pactual, que é da ala reformada. Quando ele faleceu e eu assumi a direção [da Igreja Cristã Nova Vida], nós estávamos envolvidos, naquela época, com um grupo de guerra espiritual, com esse movimento de guerra



espiritual, liderado no Brasil pela Neuza Itioka, e eu comecei a me sentir extremamente desconfortável, não só pela falta de fundamento bíblico [para os elementos típicos do movimento], mas também por um certo sentimento anti eclesialístico e anti clerical dentro do movimento, ou seja, eu achava que os pastores eram um grande problema - as igrejas estavam engessadas demais e corrompidas pelos seus pastores. Claro que existe um certo fundamento nisso, mas se a igreja fosse descartada como um todo, os membros iriam [direto] para o movimento de guerra espiritual, pois a igreja ainda era o grande empecilho para este movimento. Eu via muita coisa estranha sendo falada e praticada, como marchar à meia-noite, tomar posse da cidade, essas coisas... e eu disse “bom, eu não tenho fundamento para isso” [para encabeçar uma mudança] porque, como pentecostal, eu não tinha formação..., mas, acabei buscando, com o auxílio

de um amigo do meu pai. Perguntei: “o que você recomenda? Eu acho que eu tenho que fazer um mestrado, tenho que estudar”, e ele recomendou o Reformed Theological Seminary, lá da Flórida, para onde eu acabei indo e, através de uma sucessão de crises, estudando para isso, por que eu pensava “não, não pode ser verdade, para que isso?”. E foi assim, uma luta dentro de mim, porque eu era um pentecostal, e com o tempo eu enxerguei [os erros], mas não estava pronto para abandonar por completo as coisas que eu sabia serem verdades da minha história pentecostal. Foi assim que começou essa jornada de 25 anos de análise, de estudos. Já estava liderando a denominação na época e eu sabia que eu não podia simplesmente embarcar, eu tinha que promover isso com muito cuidado, e eu também trabalhei isso dentro da denominação, ao longo desses 25 anos, com muito cuidado, até que finalmente senti que tinha que escrever esse livro [*O Pentecostal Reformado*].

MOTTA – Dentro dessa sua experiência, então, e antes o senhor mesmo citou em uma de suas respostas, que um pentecostal reformado, com certeza, não vai conseguir abraçar a todas as premissas dos representantes históricos de cada lado – esse indivíduo não vai ser completamente pentecostal, e não vai ser completamente reformado.

BP. WALTER – Ele vai ser um tipo de pentecostal, e um tipo de reformado. Alguém pergunta: “qual pentecostal você é?”, - eu respondo: “eu sou um pentecostal reformado”. “Qual reformado você é?” “Eu sou um reformado pentecostal.” É claro que um influencia o outro. Você é forçado a voltar e fazer outras perguntas. O bom do diálogo entre duas tradições é que você acaba vendo os pontos fortes e pontos fracos de cada uma. Por exemplo, eu inicialmente pensei que teria de abraçar o pedobatismo, por causa da teologia pactual presbiteriana, porque eu estudei em um seminário presbiteriano. Ao me debater com isso, estudar, eu vi que não era bem o caso, até porque já existia uma confissão reformada batista desde o século XVII que afirmava o credobatismo, mesmo dentro da tradição reformada. Então, esse diálogo força você a voltar às raízes, voltar às fontes e examinar – por isso que levou tantos anos.

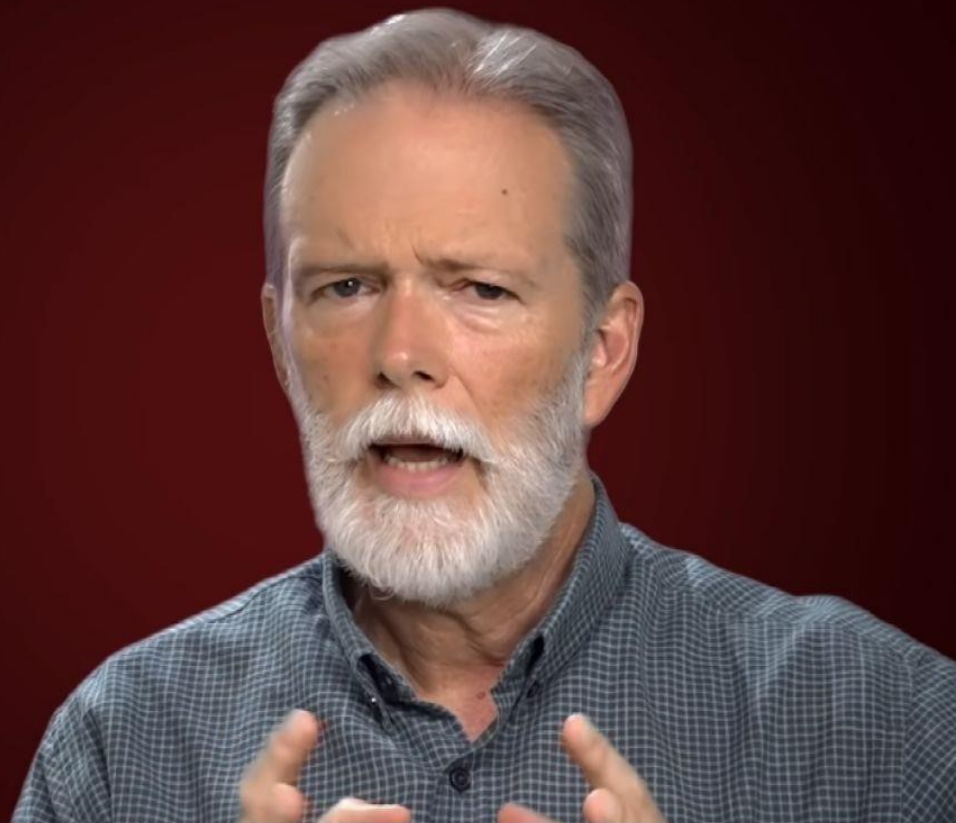
MOTTA – Dentro disso, o que podemos dizer que é absolutamente imprescindível para que alguém possa se declarar reformado?

BP WALTER – Como eu falei, os *cinco solas* [que não são bem da teologia reformada], é mais da teologia protestante. Os *cinco solas* são as cinco coisas que nos separam, que nos diferenciam da igreja católica. Você tem os cinco

fundamentos da TULIP, de Calvino, que é a obra soteriológica, mas você tem, principalmente, a doutrina sobre Deus – a soberania de Deus, a asseidade de Deus, e o fato de que Deus faz tudo para Sua própria honra e glória, ou seja, a história da Bíblia é a história de Deus; a história do mundo é a história de Deus. Tudo é para a glória de Deus. A Bíblia não é a história da salvação - é a história de Deus. Essa mudança é a mesma mudança que aconteceu quando as pessoas chegaram à conclusão de que o sol não orbitava em torno da terra, mas a terra é que orbitava em torno do sol – isso foi uma revolução. Nós entendemos que Deus não se encaixa na nossa vida, nós é que passamos a fazer parte da história de Deus. Aí a leitura é totalmente diferente. Então, para ser um reformado, você tem que entender do que se trata, quando você lê a Bíblia - ela está tratando de quê? Trata de Deus. Isso seria imprescindível. Daí, então, chegamos à maneira de ler a Bíblia. A hermenêutica reformada é fundamental, que é uma teologia pactual. Só que aí vem a diferença entre a teologia pactual, que é presbiteriana, da teologia pactual progressiva, que seria a batista. Nosso pentecostalismo, nossa história, nos força a examinar o pacote presbiteriano - você começa a ver que o presbiterianismo é uma vertente da escola reformada.

“

Alguém pergunta: “qual pentecostal você é?”, - eu respondo: “eu sou um pentecostal reformado”. “Qual reformado você é?” “Eu sou um reformado pentecostal.”



MOTTA - O que um pentecostal precisa abandonar para se tornar um reformado?

BP WALTER – Eu penso que, uma vez que você entende algo sobre a teologia pactual, você entende que a sua maneira de ler a Bíblia precisa progredir. Você precisa abandonar a teologia bíblica ingênua, como a de um pentecostal, que vê tudo de maneira literal. O literalismo bíblico é insustentável. Então, você passa a entender a Bíblia como uma sucessão de alianças, e não de dispensações. O *dispensacionalismo* se torna insustentável dentro de uma compreensão reformada. Ao fazer isso, o indivíduo também se compromete com um rigor bíblico, e esse rigor faz com que você entenda a teologia bíblica. O pentecostal clássico, pelo menos, não fazia teologia bíblica: pegava a Bíblia,

transpunha certas coisas para os dias de hoje, como se houvesse uma aplicação direta, e sem passar pela cruz. Ou seja, se via coisas como “os trezentos de Gideão”, “onde eu pisar a sola do meu pé, eu tomo posse” - isso é transposição do Antigo Testamento, sem nenhuma consideração da sua aplicação correta, sem uma exegese responsável. O pentecostal crê na Bíblia como regra de fé e vida, obviamente – o *Sola Scriptura* também é pentecostal, só que, historicamente, ele não sabe estudar a Bíblia. Todavia, hoje, há novos pentecostais que são melhores nisso. Historicamente, muitas das nossas doutrinas nasceram no contexto de uma análise falha das Escrituras.

MOTTA – Vamos inverter a questão. O que é absolutamente

imprescindível para alguém poder se declarar pentecostal?

BP WALTER – Eu creio que o pentecostal é uma pessoa que tem uma abertura para o mover do Espírito Santo e entende que o Espírito Santo age em nossas vidas e tem liberdade de agir em nossas vidas tal qual agiu na primeira geração da Igreja. Eu creio que esta visão da continuidade dos dons é uma das condições absolutamente necessárias para o pentecostal. A dependência do mover do Espírito Santo, da ação do Espírito Santo – e quando eu falo de uma dependência, eu falo em crer no poder da oração, ser uma pessoa piedosa, uma pessoa que ora de fato. Quando falo sobre essa abertura para o mover do Espírito, eu não estou falando apenas do culto público - infelizmente, tem um pessoal

que tipificou muito o mover do Espírito como sendo algo restrito ou próprio do culto público, e não é. O mover do Espírito Santo tem a ver com cada um de nós, individualmente. Então, essa abertura, essa dependência do Espírito, e essa crença no poder da oração, são fundamentais. Quanto à vida piedosa, o pentecostalismo é uma forma de pietismo, que já existiu no passado. Você vê que sempre houve um movimento mais piedoso, menos enrustido, menos engessado na Igreja. Pentecostalismo é isso – houve um desejo de uma experiência pessoal, profunda, diária e intensa com o Espírito de Deus. Isso é fundamental para o pentecostal, e há muitos pentecostais que defendem com unhas e dentes a continuidade dos dons, mas não cultivam a presença de Deus em suas vidas, não têm uma vida de oração, então é um pentecostalismo de boca para fora.

MOTTA - O que um reformado precisa abandonar para se tornar um pentecostal?

BP. WALTER – Para ele se tornar um pentecostal reformado, esse cessacionismo e essa ideia absolutamente rígida de que tudo desemboca no presbiterianismo [são coisas] que ele teria que repensar. O presbiterianismo não é o resumo da teologia reformada – é uma vertente da teologia reformada. Isso seria,

eu acho que, o mais importante.

MOTTA – A Reforma é de fato um movimento homogêneo como muitos defendem?

BP. WALTER – Não, não é. Não. Você tem muitas igrejas dentro da linha reformada que não são presbiterianas. A própria congregacional... a própria batista começou como um movimento reformado.

MOTTA – Quais são os pontos de convergência entre as tradições reformada e pentecostal que nós podemos unir nessa uma só pessoa?

BP. WALTER – Eu penso que, talvez, a coisa mais importante é a visão das Escrituras. As duas tradições têm, absolutamente, como ponto de partida a infalibilidade das Escrituras. E isto é inegociável tanto para uns, quanto para outros. Como lemos [a Bíblia], isso é um pouquinho diferente, mas, obviamente, nós estamos falando dos fundamentos da fé cristã... o próprio Credo Apostólico, a crença na infalibilidade, inerrância das Escrituras, nessas coisas, os dois lados concordam plenamente. Quando nos sentamos em conferências, isso aí é inquestionável... então, é nesses pontos que todos se apegam e dizem: “então, estamos juntos”. Mas, no caminhar da coisa, são algumas questões menores que acabam sendo ressaltadas. Eu

diria que as Escrituras são o fundamento.

MOTTA – Como o movimento reformado pode influenciar positivamente os conceitos, doutrinas e práticas pentecostais?

BP. WALTER – O fundamental é o conceito da necessidade absoluta de estudo bíblico, teológico e histórico. Essa disciplina em torno das Escrituras Sagradas é absolutamente vital, e foi uma das coisas que eu mais tirei dos meus estudos. Certamente, qualquer crítica levantada por eles [reformados] contra as igrejas pentecostais deve ser ouvida sem recalque, medo... devemos ouvir. Porque há muita coisa que merece ser criticada no campo pentecostal. Mas, eu acho que que a contribuição é justamente este entendimento de que a Bíblia não é uma ferramenta – a Bíblia é uma autoridade sobre nós. Nós não usamos a Bíblia; nós nos submetemos à Bíblia. Acho que isso, obviamente, os dois lados devem fazer isso melhor, pois, também, os dois lados [uns de maneira mais aberta, outros mais sutilmente] usam a Bíblia, ou usam mal a Bíblia – todo mundo pode melhorar nisso. Eu penso que esse rigor histórico reformado quanto às Escrituras Sagradas, desde Calvino, é fundamental. Alguns dos maiores historiadores, teólogos e comentaristas bíblicos vieram da ala reformada. Então, o

próprio comentário de Calvino é imenso. De Matthew Henry, imenso. Esses comentários são frutos de vidas dedicadas ao estudo das línguas originais e da sua explicação, desembrulhando os significados da Palavra de Deus e mostrando o rigor necessário para entender este documento antigo.

MOTTA – Em que o pentecostalismo contribui para o movimento reformado ou para o [indivíduo] reformado?

BP. WALTER – Eu penso que, talvez, a maior contribuição [histórica, não estou dizendo de hoje], seria entender a importância e a eficácia da oração. Oração é absolutamente fundamental. Quando eu vou para essas conferências, geralmente há uma reunião de oração antes do dia começar. E os líderes, diretores, eles não oram... eles deixam isso para um bando de mulheres. Mas, eles não oram! Eles estão tão cheios das suas palestras, e tão preocupados com a teologia, que não dobram os seus joelhos para orar. Eu vejo que, quando louvam, é de uma frieza... ficam louvando a Deus de braços cruzados, olhando para o lado, mexendo no telefone, e se as conferências refletem alguma coisa da sua prática pessoal, você vê que a sua devoção é muito rasa, enquanto o estudo é muito profundo. Por outro lado, da parte dos pentecostais, sem o estudo, a própria devoção

acaba se tornando muito superficial e emotiva. Acredito que a união, tanto do estudo quanto da oração e da devoção, é absolutamente vital para o futuro da Igreja e sua sobrevivência. Nós estamos vivendo dias extremamente dramáticos e perigosos para a Igreja no Brasil. A Igreja está na mira de um movimento, na América Latina toda, que deseja esmagar o seu testemunho, e fazer com que a sociedade seja absolutamente secularizada em todos os seus aspectos. E há muitas pessoas cantando essa música... há muitos líderes cristãos que estão até concordando com isso. Estes são infiltrados na Igreja, não são homens de Deus, absolutamente. São falsos mestres, falsos profetas! E o que falta é um povo que dobra os seus joelhos e ora. Nós temos que entender não apenas a necessidade de leitura e conhecimento da Palavra de Deus, que é uma coisa que é muito rasa na Igreja – muito rasa na Igreja! Já, historicamente, nos últimos cinquenta anos, é consistente que a quantidade de tempo gasto por pastores em oração e leitura bíblica, tem caído ao ponto de, hoje, a média gasta em oração e leitura bíblica diária de um pastor, é de oito minutos – por dia! Isso se reflete numa igreja fraca, uma igreja dividida, uma igreja sujeita a qualquer mídia social, e pessoas analfabetas bíblicamente, teologicamente, e sem um pinga de devoção a

Deus – eles apenas gostam de se emocionar em cultos públicos. Isso é a morte da Igreja! Uma igreja que se reúne e faz tudo dependente de um grande mover, basta uma pandemia para proibir reuniões públicas, e esta igreja morre. A igreja definha. Não há estudo, não há oração pessoal, não há cultos domésticos, não há muitas disciplinas que foram o esteio da Igreja durante séculos. Então, esta igreja é uma igreja de eventos, e uma igreja de eventos não tem futuro e não tem nenhum poder.



Marcos Motta é editor-chefe da Revista Fé Cristã. Membro da Igreja Evangélica Assembleia de Deus, em Lajeado/RS, é músico, escritor e pregador do Evangelho. Está se preparando para iniciar a graduação em Gestão de Recursos Humanos.

A

TERAPÊUTICA DA LITURGIA

O pano de fundo que nos torna previsíveis uns aos outros e que conecta-nos numa mesma estrutura

Em meio ao caos político e social da Armênia do século XX, um aldeão exclamou, entristecido: “Irão se passar cem anos antes que eu possa falar novamente com meu vizinho”. A eclosão de conflitos e distúrbios generalizados dentro de sociedades gera, segundo Peter Levine,⁴⁴ médico e psicólogo estadunidense, um tipo de

trauma coletivo. Um trauma coletivo se alicerça numa eletrificação dos inflamados ânimos do grosso das pessoas que vivenciaram eventos terríveis ou desumanizadores em suas comunidades. Disso se pode compreender como catástrofes naturais e guerras podem se tornar mitos fundadores de povos e nações, incrustado o trauma na psicologia e na índole dos

povos - por um determinado período, a totalidade de uma nação se engajou numa empresa comum, seja em resposta e para sanar o desastre climático e geológico, seja para nutrir uma campanha beligerante, demarcada por batalhas vencidas e perdidas. Quando, contudo, o caos se alastra desde dentro, em conflito civil entre grupos diversos que

⁴⁴ LEVINE, Peter. *O Despertar do Tigre, Curando o trauma* (São Paulo: Summus, 1999).

habitam as mesmas terras, essa qualidade fundante se esvai. Nesses casos, o trauma social não produz unidade interna contra uma ameaça externa ou natural, mas dissolve as comunidades: famílias se dividem, filhos denunciam pais, vizinhos se enfrentam. Sobra o império da desconfiança, do ressentimento e da ansiedade. A configuração de nossa sociedade atual, cada vez mais individualista e ideológica, tem favorecido novas formas de eclosão de violências internas, que estão dilapidando estruturas familiares, distanciando amigos, destruindo pontes entre a vizinhança, rompendo laços dentro das igrejas e entre elas, levando desordem agressiva para o interior das escolas e dos *campus* universitários... num alastramento incontrolável de polarizações politicamente motivadas. O que pode estar por detrás disso?

Conforme explica Levine, o trauma, enquanto uma reação natural do organismo à ameaça, funciona com o desencadeamento de um turbilhão de energia hormonal, nervosa e muscular pelo corpo - é como se um tornado fosse gerado dentro dele. É por conta disso que a presa não sente dor quando capturada pelo predador. Essa tempestade elétrica que

fervilha por todo o organismo promove uma espécie de paralisia ou desligamento dos sentidos. Passada a ocasião da caçada e no caso de o antílope sobreviver, este, pela natureza monolítica de sua identidade de presa, seguirá sem desvio algum o rumo de seus instintos e se restabelecerá com perfeição, emergindo do abismo traumático sem resíduos energéticos.

Os animais possuem uma vantagem biológica por sobre o ente humano: eles sabem exatamente o que são e não entram em quaisquer impasses sobre o que fazer quando da ocasião da ameaça. Eu e minha esposa temos dois coelhos e é impressionante como a primeira reação deles para qualquer movimento brusco ou som estranho é o de fuga. Eles são, pois, presas. Um gato, por sua vez, se sabe predador e, a depender do tamanho de seu rival, de pronto lançará garras e dentes para se defender - e o fará como predador: atacando. O homem, contudo, dada a sua vulnerabilidade física, é presa de uma série de bestas, das quais escondeu-se por séculos em cavernas e palafitas. Mas o homem também é racional, e soube utilizar sua capacidade cognitiva para se transformar em predador, produzindo armas e estratégias de caça. Szondi⁴⁵ sugere que o impulso infantil de degolar brinquedos

é reflexo da natureza predatória e carnívora humana. Isso significa que, do arbítrio da consciência e a partir de uma natureza bipolar indefinida (presa e predador), o homem não está prontamente aberto ao acervo instintual mediante a ameaça. Se o perigo se aproxima, o ente humano será forçado a lidar com esse paradoxo e a decidir volitivamente o que fazer - se foge ou se ataca. Essa confusão e a experiencição consciente do trauma podem dificultar a passagem natural pelo processo traumático, da geração do tornado interior e de sua dissipação. O corpo entra num frenesi elétrico insano que bombeia excessiva energia pelo organismo, mas o aspecto consciente, ligado à culminação do cérebro humano, o *neocórtex*, não permite a sua dissipação completa: a memória emocionalmente carregada do evento, incrustada perenemente na mente em função da presença consciente do sujeito em meio ao caos, impedirá que o corpo retorne ao estágio de serenidade desarmada - hiperalerta, a mente seguirá atenta ao menor sinal de perigo. Isso significa que uma energia residual ligada ao trauma originário se mantém em circulação pelo sistema nervoso, pedindo por um objeto adequado para “gastar-se”.

⁴⁵ SZONDI, Leopold. *Introdução à Psicologia do Destino: Liberdade e compulsão no destino do homem*:

seguido de Análise de Casamentos: Tentativa de elaboração de uma

escolha amorosa (São Paulo: É Realizações, 2013).

No entendimento de Levine, da mesma maneira que o trauma pode ser produzido nos sujeitos individuais quando de experiências singulares, a ocorrência de desordem e ameaça gerais poderá abrir feridas traumáticas coletivas, sobretudo porque o ser humano, quando em grupo, ativa o que Jonathan Haidt,⁴⁶ psicólogo norte-americano, chama de “cérebro abelha”, ou “modo colméia” - o instinto de manada tende a generalizar reações e sentimentos que atinjam a inteireza de um mesmo grupo. Voltando a Levine, tal como nos animais, o ser humano tem uma dificuldade natural de matar um membro de sua própria espécie, sendo-lhe mais confortável o abate de criaturas de outras. Todos os animais, quando da necessidade de confrontar outro membro de sua espécie, só utilizam toda a força e os meios letais em último caso. Cervos, cascavéis, gatos, lobos e até coelhos mensuram as forças e mantêm vivo o perdedor, que pode se retirar de cena. Todas essas lutas entre pares, para não serem letais, desenvolvem-se ao redor de rituais muitíssimo sólidos - o perdedor pode, por exemplo, rolar de costas e expor a barriga, indicando rendição. Também entre os seres humanos, o conflito entre os pares se estruturou ritualisticamente e a guerra

nada mais é do que um tipo de ritual, que visou, historicamente, a eliminação do menor número possível de indivíduos. Enquanto ente consciente, o homem assimilou essa ritualística em esquemas imagéticos, narrativos, estruturando-os dentro de certas lógicas rotineiras, dentre as quais a da necessária identificação de um rival e, no caso de um conflito civil de grande potencial destrutivo, da opção por um terceiro grupo, geralmente minoritário (e com menos chances de se defender), como bode expiatório para o acerto de contas entre as duas partes do impasse. Eis a Teoria Mimética de René Girard⁴⁷.

*As pessoas estão
cada dia
especialmente mais
próximas, mas
imagética e
teologicamente mais
distantes.*

Para fechamento do raciocínio até aqui desenvolvido, ofereço o seguinte resumo: o trauma coletivo, funcionando no corpo social de modo similar a como funcionaria no organismo individual, gera-se numa excitação geral que não se dissolve com facilidade, mantendo uma energia

residual beligerante dentro da sociedade, energia essa que tornará essa comunidade especialmente sensível a novas eclosões de desordem, que demandarão novos rivais e novos bodes expiatórios. Conforme ensinado por Levine, o trauma, por seu rastro residual, tende a atualizar-se e a se reencenar sempre em novos contextos, procurando vaziar e se dissolver. Assim sendo, o sujeito traumatizado em dado momento do passado, seguirá procurando por inimigos potenciais em tempos presentes e polarizará com eles, revivendo ritualmente o conflito inicial numa busca inconsciente por assimilá-lo e resolvê-lo. O problema é que a repetição desse comportamento tenderá ao efeito contrário: manterá viva e atualizada a experiência catastrófica inicial, que desorganizou o corpo e a cognição. Num nível mais amplo, eventos de estressamento coletivo de tempos pretéritos podem reaparecer ou se reencenar em ocasiões presentes, esquematizando no conflito ritual novas partes. Nesse cenário, povos, grupos ou pessoas mais vulneráveis e acessíveis, podem ser facilmente absorvidos e lançados no conflito, visto serem “objetos” mais prontamente acessíveis para canalização e atualização da

⁴⁶ HAIDT, Jonathan. *A Mente Moralista: Por que as pessoas boas*

se separam por causa da política e da religião? (@KNTZ). Edição do Kindle.

⁴⁷ GOLSAN, Richard J. *Mito e Teoria Mimética*. (São Paulo: É Realizações, 2014).

violência - é por isso que nações próximas são especialmente predispostas ao conflito. Trata-se de uma seleção praticamente aleatória: a disponibilidade é o fator determinante. Para o autor, essas atualizações traumáticas podem, inclusive, se estender por milênios, definindo a própria inclinação de nações inteiras, como exemplifica com o caso do Oriente Médio.

A partir disso, estamos autorizados a imaginar que muito de nosso tempo polarizado, repleto de conflitos interpessoais, partidários e militantes em todos os níveis, deve decorrer de atualizações vigentes de conflitos antigos, não resolvidos de maneira satisfatória, intensificadas por estressamentos globais, como a iminência de guerras mundiais, pandemias e crises econômicas. A crescente polarização que se apresenta nas redes sociais e que é marca do funcionamento cognitivo dos nossos jovens, quase todos perdidos em distorções de percepção do tipo “nós x eles”, e que os faz juntarem-se em tribos de iguais para “cancelarem” seus “inimigos”, é, em parte, herança de gerações de pais que, tendo experimentando as consequências da Revolução Sexual, reação a todos os horrores do século passado,

sobretudo às guerras, cresceram em lares desestruturados, carentes de uma ou mais das figuras parentais devido à moda dos divórcios e ao trabalho excessivo e cada vez mais isolados do convívio social saudável, romperam patologicamente com a sociedade de então e transmitiram aos seus filhos, do desnorreio e da insegurança enquanto progenitores, o estressamento traumático de que padeceram. Esse é o diagnóstico que Mark Lilla⁴⁸, cientista político americano, e Jordan Peterson⁴⁹, psicólogo canadense, deram aos desvios da sociedade estadunidense atual. Pontua-se que o crescimento das cidades, que obriga as pessoas a se amontoarem em prédios e nas ruas, é fator potencializador dessa violência tribal crescente. Não é sem razão que Michel Maffesoli⁵⁰, sociólogo francês, vê na pós-modernidade e no império das metrópoles algo diferente da formação de uma “aldeia global”: nos antros das grandes cidades há todo o clima para a manifestação duma generalização do tribalismo.

Em melhores termos: toda a fúria dos hippies e rebeldes dos anos 60 e 70 contra as tradições e contra a autoridade, figuradas no Estado e na

cultura imperante, hoje se atualizou e tem se manifestado em todo e qualquer objeto disponível. Qualquer coisa, literalmente, passa a servir de motivo para o conflito, donde o identitarismo de nosso tempo fundamentar-se, sobretudo, na oposição dialética entre favorecidos e desfavorecidos – algo é afirmado pela supressão de um alegado oposto, mais privilegiado no esquema da marxiana “luta de classes”. Sexo, raça, status social, religião, posição política, opções gastronômicas... Absolutamente nada está aquém das possibilidades de servir de receptáculo para essa energia furiosa, que Polanyi⁵¹ bem definiu como “paixão moral”. Do mesmo modo que os totalitarismos do século XX se serviram dessas paixões, canalizando-as, diversos movimentos militantes e partidários fazem-no atualmente. Nem as igrejas estão passando incólumes por isso. Há vinte ou trinta anos sempre se dizia que as novas modas do “mundo” levavam cerca de dez anos para começarem a circular nas comunidades cristãs, mas agora a intrusão é instantânea. Da internet e dos *campus* universitários, jovens estão levando para suas igrejas todo o tipo de teologia liberal, de estilo identitário, rivalizando com as doutrinas e os costumes

⁴⁸ LILLA, Mark. *O Progressista de Ontem e o do Amanhã, Desafios da democracia liberal no mundo das pós-políticas identitárias* (São Paulo: Companhia das Letras, 2018).

⁴⁹ PETERSON, Jordan B. *12 Regras para a Vida* (Rio de Janeiro: Alta Books, 2018).

⁵⁰ MAFFESOLI, Michel. *O Tempo das Tribos, O declínio do individualismo*

nas sociedades de massa (Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006).

⁵¹ POLANYI, Michael. *A Lógica da Liberdade, Reflexões e réplicas*. (Rio de Janeiro: Topbooks, 2003).

ortodoxos e tradicionais por meio delas e da pressão por reformulações antilitúrgicas, que vão da ordem do culto, passam pelo seu conteúdo e culminam em mudanças estéticas, com escurecimento das paredes, apagamento de luzes e abandono do púlpito. Anulado o potencial comunitário do culto, historicamente chamado de adoração pública, tem-se a entronização liberal e afetivista do indivíduo, que vai em busca da exaltação de suas preferências e apelos pessoais. Não é sem motivo que paixões políticas e ideológicas estão transformando igrejas em campos de batalha, em cenários para reencenação de rancores e fúrias.

Peter Berger⁵², sociólogo austríaco, demonstra que o cenário mais natural para a habitação humana é o embebido pelo sentimento partilhado de Destino: numa comunidade sociocentrada, as opções de vida estão previstas em narrativas compartilhadas, em tradições e em instituições sociais, que substituem no homem parte daquilo que o instinto faz para os animais, dando-lhe conhecimentos e direções profundas sobre como agir em cada ocasião e em cada lugar. Nesse cenário, há uma matriz de autoridade

compartilhada por todos e ninguém precisa adivinhar quais são os valores de seu vizinho – a previsibilidade a respeito dos limites de ação do próximo fazem a vida comunal fluir com mais naturalidade. A comunidade de vida, que é o terreno das relações humanas cotidianas, é compatível com a cosmovisão comum, ou majoritária, que pede por gestos estereotipados e pacificadores, ordinários e discerníveis por todos⁵³. No contexto contemporâneo, cosmopolita e interconectado, somos levados ao pluralismo: o morador da casa ao lado pode estar bebendo de influenciadores que falam desde o outro lado do mundo e jamais saberei prontamente quais são seus propósitos e por quais valores morais ele rege sua vida. Até seus gestos me são incógnitos. As pessoas estão cada dia espacialmente mais próximas, mas imagética e teologicamente mais distantes. Não sendo possível encontrar na sociedade derredor a autoevidência de valores e propósitos, deverei procurar sentido em círculos fechados de pares, vistos online ou não. Essa é a receita para o conflito, para o trauma e sua atualização, já que o sujeito ao lado será sempre um estranho e fervores ideológicos seguirão acima do bem-estar da vizinhança, liquefeita.

Tribos egocentradas, pois, se formam para combater e suprimir seus “algozes”, numa crescente de caos em busca de afirmação afetiva e identitária.

*“A tecnologia e o rápido crescimento da população estão nos levando a um mundo onde o tempo e a distância não podem nos separar. Ao mesmo tempo, confrontamos graves ameaças a nós mesmos e ao planeta. Vivemos com a guerra, com o terrorismo, com a possibilidade de aniquilação [...]. Os cidadãos no centro das nossas cidades destroem aleatoriamente a propriedade e a vida, à medida que os efeitos de anos de estresse, trauma, hostilidade e opressão econômica explodem.”*⁵⁴

Como sobreviveremos a isso?

Da mesma maneira que o trauma coletivo nasce do desastre compartilhado e se atualiza no âmbito da sociedade, Levine encontrou na comunhão harmônica um meio de dissipar essa energia furiosa que nos foi legada. Em estudo com sociedade aborígenes, dois elementos foram tomados como causadores da baixa incidência de violência: vínculos físicos próximos e o uso de movimentos rítmicos estimulantes nas relações

⁵² BERGER, Peter L.; LOCKMANN, Thomas. *Modernidade, Pluralismo e Crise de Sentido, A orientação do homem moderno* (Petrópolis, RJ: Vozes, 2012).

⁵³ KELEMAN, Stanley. *Mito e Corpo, Uma conversa com Joseph Campbell* (São Paulo: Summus, 2001).

⁵⁴ LEVINE, Peter. *O Despertar do Tigre, Curando o trauma*. (São Paulo: Summus, 1999) Pág. 197.

humanas. Maior violência, por sua vez, foi observada em locais onde o contato físico era escasso e punitivo. Um outro experimento, feito diversas vezes, consolida essas descobertas: mães de diferentes religiões, raças, orientações políticas, e etc., divergências que fomentaram conflitos diversos onde habitam, são reunidas, junto de seus bebês, num espaço comum, onde são levadas a ensinar umas às outras canções que trazem de seus lares e contextos, enquanto embalam suas crianças e dançam de modo rítmico. Simultaneamente, um facilitador utiliza alguns instrumentos musicais para marcar o ritmo das canções.

“O movimento, o ritmo e o canto fortalecem os padrões neurológicos que produzem alerta pacífico e receptividade. Como resultado, a hostilidade produzida por gerações de disputa começa a se suavizar.”⁵⁵

Após esse primeiro momento, com os bebês altamente entusiasmados, o grupo maior se divide em grupos menores, com representantes de todas as “tribos”. A alegria das crianças contagia a todos, criando uma atmosfera de amor que leva as mães a sorrirem umas para as outras, refazendo a confiança e os vínculos sociais que ficaram rompidos por gerações. Logo, os pais também estão

envolvidos. Peterson identificou bem esse magnetismo pacificador que as pequenas crianças exercem sobre os adultos. Encerrado o encontro, essas famílias saem com seus espíritos elevados, dispostas a compartilhar com outros a experiência. Em resumo: num mundo de violência e trauma, a pulsação rítmica e a proximidade física, mediadas pela inocência infantil, podem reconectar as pessoas e dissipar o furor violento herdado. O organismo humano, segundo Levine, possui grande capacidade para registrar uma vivacidade pacífica, de maneira que a produção de ocasiões comunitárias onde as pessoas, engajadas por propósitos comuns, partilham de momentos de paz e de alegria, nutrirá o corpo e a psique de serenidade e humanidade, rompendo o fluxo transmissivo do ódio.

Na vida cotidiana, para inviabilizar a reencenação do trauma pela eleição de inimigos a serem aniquilados ou repudiados, é importante identificar motivos comuns que possam te reconectar aos teus amigos, vizinhos, familiares e irmãos em Cristo. Minha vida em meu bairro se transformou em uma experiência constante de paz e serenidade quando passei a trocar mudas de plantas alimentícias não convencionais (PANCS) com

as vovós da rua, donde pontes de confiança e amizade foram estabelecidas. Isso não só criou um clima mais aprazível nas redondezas, como também me fez importar-me menos com o ódio que circula nas redes sociais, já que me conectei mais com o mundo concreto que está ali fora. Se a cólera quer se atualizar contra meu próximo, eu tomarei este meu próximo como motivo de reeducar meus afetos. Contudo, isso por si só não me supre existencialmente. É apenas na comunidade de sentido que certas coisas são trabalháveis: a celebração cristã, que junta pessoas de diversos contextos, muitas histórias, vários costumes, tantas raças, culturas e até posições políticas, todas com o comum propósito da adoração pública ao Deus Triúno, é um caminho para a paz e para a cura da alma. E quão contagiosas para seus bairros podem ser famílias cristãs felizes! Na celebração cristã instam os ritmos, ou a liturgia, que é o pano de fundo que nos torna previsíveis uns aos outros e que nos conecta numa mesma estrutura, e, do engajamento de múltiplas gerações, sorriem as crianças. Com uma finalidade partilhada (1), uma forma comum que orquestre a todos na realização de algo juntos, com afeto sincero e proximidade real (2), e uma disposição de espírito alegre

⁵⁵ LEVINE, Peter. *O Despertar do Tigre, Curando o trauma*. (São Paulo: Summus, 1999) Pág. 191.

(3), não há nódulos rancorosos que não possam ser dissipados. Nossas tensões emocionais e fisiológicas, vindas do crônico estressamento nesse mundo hostil e de heranças malditas, podem, enfim, ser elaboradas por meio dessa reconfiguração piedosa das relações, de modo que aquele peso adoecedor, que nos parasita e impregna as relações sociais, acabe substituído pelo Jugo Suave e pelo Fardo Leve.

“Como é bom e agradável quando os irmãos convivem em união!” (Salmo 133:1)



Natanael Pedro Castoldi é psicólogo clínico graduado pela Universidade do Vale do

Taquari – UNIVATES. Possui formação teológica básica pelo Projeto ATOS, Janz Team Gramado, onde compõe a assembleia da missão do TeachBeyond Brasil. Tem experiência em pesquisa nas áreas de Ensino e Aprendizagem pela Univates, na qual tem atuado como monitor de alunos com necessidades especiais. Serve no ministério de jovens da igreja Comunidade Cristã de Encantado, em Encantado/RS. Casado com Gabrielle.

A EXISTÊNCIA DE DEUS

Dando continuidade aos textos em Teologia Sistemática, após entendermos seu significado e importância, adentraremos à temática da Doutrina de Deus, seguindo o exemplo das grandes escolas dogmáticas e da teologia sistemática. E isso é explicado justamente por que, conforme já dito anteriormente, o estudo da teologia sistemática é o conhecimento sistemático de Deus.

Ao estudante de teologia, crer que Deus existe não é um dilema. Porém, a fé também deve ser alimentada pela

razão. Partindo desse ponto, vamos começar com as pressuposições mais básicas desta realidade:

- *Deus existe;*

- *Ele se revelou em Sua Palavra;*

Claramente, lendo a Palavra de Deus, encontraremos as provas necessárias para fundamentar essa verdade.

Prova bíblica da existência de Deus

Levemos em consideração que não há nenhum sentido em falarmos sobre Deus se não

cremos que Ele existe. Aos cristãos, não há uma pressuposição abstrata sobre Deus, como se Deus fosse meramente uma ideia, ideal, conceito, etc. Os cristãos creem que Deus é um Ser Autoconsciente e Autoexistente e que sim, Deus é origem de tudo o que transcende a criação.

Dr. Kuyper fala sobre a tentativa de provar a existência de Deus a partir de argumento lógico e racional:

“A tentativa de provar a existência de Deus ou é inútil ou é um fracasso. É inútil se o

pesquisador acredita que Deus recompensa aqueles que O procuram. É um fracasso se trata de uma tentativa de forçar, mediante argumentação, ao reconhecimento, num sentido lógico, uma pessoa que não tem esta pista”.⁵⁶

Sabemos que aceitamos a existência de Deus pela fé, mas não uma fé subjetiva, e sim, baseada em provas que estão tacitamente escritas na Palavra de Deus, sendo a Palavra a fonte inerrante da Inspiração Divina.

Quando iniciamos a leitura de Gênesis 1, lemos que, além de ser o Criador de todas as coisas, Deus também é Aquele que sustenta tudo o que foi criado. Deus governa a humanidade. A Bíblia nos prova que tudo o que ocorre neste mundo, ocorre pelo beneplácito de Sua Vontade soberana, e que ao longo da história bíblica, também revela o grandioso propósito de Redenção para os eleitos. Ao longo de diversas páginas da Bíblia, concluiremos obviamente, que os decretos de Deus são infalíveis e que não há nada que não esteja debaixo de Seu controle e determinação. Do Gênesis ao Apocalipse, temos argumentos mais do que claros e concisos sobre a existência de Deus.

Porém, aqui cabe uma pergunta: além da Bíblia,

existem razões, fundamentos, evidências que podem apontar a existência de Deus? A resposta é **sim**, porém, de antemão, devemos ter em mente que os argumentos racionais são contestáveis, e que essa discussão não é algo novo. Na verdade, as mesmas argumentações são encontradas em diversos compêndios teológicos ao longo da história da Igreja.

Discurso a seguir acerca do que chamamos de provas racionais da existência de Deus, traduzidas nos seguintes argumentos:

- **Argumento Ontológico:** sustentando e apresentado de forma mais clara por Anselmo, que aponta que o homem tem a consciência da existência de um ser superior que é integralmente perfeito, e que, existindo este Ser, esta existência em si mesma é um atributo de perfeito, portanto, um ser com essa absoluta perfeição, necessariamente tem que existir. Porém, este pensamento em si mesmo não nos permite uma conclusão absoluta sobre Deus pois apresenta Deus como uma idéia. Ideia essa que é previamente concebida na mente do ser humano. Na história das discussões teológicas, vemos Kant invalidando esse argumento e Hegel sustentando o mesmo, o que reforça o ponto de que este

tema é motivo de discussão há tempos.

- **Argumento Cosmológico:** este é o argumento que trata das “causas” de tudo. Em tese, tudo o que existe no mundo deve apresentar uma causa razoável, o que inclui o universo, apontando para uma “causa” muito maior do que pode ser concebido pela mente humana. A contra argumentação básica deste ponto é que, se tudo tem uma causa, isso se aplica a Deus também.

- **Argumento Teleológico:** este argumento é basicamente o complemento do argumento cosmológico, mas aponta o seguinte: ao observar a inteligência da ordem das coisas em todo o universo, ordem, propósito e harmonia são indicadores que há um Ser inteligente organizando a ordem de tudo. Embora, historicamente, Kant tenha relativizado essa verdade tentando reduzir Deus a uma espécie de arquiteto, o argumento teleológico é superior aos demais. Willian Kelley Wright diz o seguinte:

“... indica apenas a provável existência de uma mente que, ao menos em considerável medida, controla o processo do mundo, suficiente para explicar a quantidade de teleologia que nele transparece”.⁵⁷

⁵⁶ KUYPER, Abraham. *Dict, Dogm., De Deo I*. Pág. 77 (tradução de L. B. ao inglês).

⁵⁷ WRIGHT, Willian Kelley. *A Student's Philosophy of Religion*, Pág.341.

Portanto, há ainda uma resistência filosófica sobre a prova de ser Deus o causador da ordem, embora uma parte dos teólogos modernos aceitem este argumento como válido.

- *Argumento Moral:* Este argumento apoia-se principalmente na questão da conduta moral do homem e na desigualdade humana em termos da vida presente. Em tese, a forma que os homens vivem hoje será corrigida, ajustada e julgada em um futuro e que este julgamento só pode ser realizado por um justo juiz. Porém, mera moralidade e atitudes ditas corretas não validam a existência de um Ser de perfeição infinita.

- *Argumento Histórico Ou Etnológico:* na história da humanidade, é notadamente claro e também amplamente sustentado pela pesquisa científica e histórica que, entre as tribos e nações, há um presente sentimento de religiosidade que é evidenciado pelos cultos característicos destas tribos. Uma vez que este sentimento é um fenômeno comum e universalmente detectável, esta religiosidade, portanto, deve pertencer à natureza humana. De forma natural, há uma busca pela religião, e a lógica nos leva a crer que um Ser superior criou o homem com essa natureza religiosa. Contra esta lógica, é apresentado de forma científica que, conforme os povos se tornam mais

**ALÉM DE SER O
CRIADOR DE
TODAS COISAS,
DEUS TAMBÉM É
AQUELE QUE
SUSTENTA
TUDO O QUE
FOI CRIADO.
DEUS
GOVERNA A
HUMANIDADE.**

civilizados, a religiosidade desaparece. Portanto, o contra-argumento atribui a busca da religiosidade a povos primitivos ou desprovidos daqueles que tenham mais conhecimento.

CONCLUSÃO

O ponto mais importante após a análise destas argumentações é que, para os cristãos, nenhum destes argumentos são necessários, uma vez que o cristão entende que Deus revela a Si mesmo de forma suficiente e clara nas Escrituras Sagradas. Isso nos leva a crer também que, se algum cristão procura meramente nestes argumentos convencer a si mesmo sobre a existência de Deus, é porque há um claro problema em aceitar a inerrância da Palavra de Deus e sua inspiração Divina.

Se todos pudéssemos crer e de forma lógica e racional em Deus, qual o sentido da fé

salvífica que Deus coloca em nosso coração? Se é a justamente a fé a evidência da eleição que parte dEle? (Leia Efésios 2:8-9)

Conforme citado neste artigo, lemos que Kant e muitos outros filósofos e teólogos se esforçaram intelectualmente para invalidar os argumentos racionais, porém, em contrapartida, vemos que, por parte dos acadêmicos contemporâneos, há uma grande aceitação dos mesmos.

Considero relevante esta análise, pois o fato de os argumentos não sustentarem de forma inquestionável a existência de Deus, isso não significa que os argumentos não tenham nenhum valor. Muito pelo contrário, até mesmo porque servem como testemunho aos cristãos das indicações da existência de Deus, uma vez que apontam as probabilidades da existência de Deus. Uma vez que há probabilidades, até mesmo os

ateus confessos precisam admitir que as evidências filosóficas existem e que sustentam o que chamamos de “benefício da dúvida” sobre a Existência de Deus.



Marco Cicco é Bacharel em Ciências Contábeis, Bacharel em Teologia, Extensões Universitárias em Custos, Negócios e Administração Financeira, MBA em Compliance e Risco, MBA em Gestão e Liderança de Equipes com Habilitação em Docência no Ensino Superior, MBA em Gestão Tributária, Mestre em Divindade (M.Div) em Estudos Bíblicos e Pastorais. Criador do Evangelho Inegociável, é pastor na Igreja Anglicana Reformada.



A

fé cristã

na

África

Foi-se o tempo em que o cristianismo africano era sinônimo da colonização. Hoje, a África é um laboratório para o novo cristianismo. O cristianismo segue se recompondo, diversificando, africanizando e modernizando a fé. Com outras religiões concorrentes (islamismo, religiões locais), o cristianismo continua seu trabalho cooperando para a mudança social, cultural e política que afeta hoje a África. Por outro lado, temos um cristianismo sofrendo que enfrenta perseguição diante do avanço de grupos terroristas extremistas islâmicos que levam pavor e colocam à prova a fé dos cristãos.

A origem do cristianismo na África

Quando lemos a Bíblia, entendemos que existe algo particular de Deus para com a África. O Salvador Jesus se refugiou no Egito, sendo assim o primeiro continente fora do Oriente Médio a receber o autor do cristianismo. Podemos dizer que a África foi privilegiada, pois também foi um dos primeiros continentes a receber o Evangelho, conforme o registro bíblico de Atos dos Apóstolos, capítulo 8 - quando o evangelista Filipe foi levado pelo Espírito de Deus ao caminho de Gaza, onde encontrou um homem etíope, tesoureiro da rainha de Candace, da Etiópia. Ali, o homem foi evangelizado e

batizado. Anos mais tarde, segundo historiadores, foram encontradas moedas da Etiópia com símbolos do cristianismo.

O Egito e toda a área da África do Norte tiveram a Agostinho e Atanásio como pilares da cristandade. Quanto à África branca, existem pelo menos três grupos que contribuíram para o florescimento do cristianismo em seu seio: os judeus-cristãos (100 d.C.), os cristãos-helenísticos (200 d.C.) e os cristãos-coptas (300 d.C.).

Já no hemisfério sul, o rei Afonso do Congo e seu filho, o Bispo Henrique, por mais de 20 anos trabalharam muito para estabelecer o cristianismo. Com a ajuda de Roma, trouxeram 440 religiosos capuchinhos ao continente. Quando a África do Sul recebeu uma missão permanente dos Morávios em 1792, a África Ocidental já tinha sua primeira igreja, formada pelos escravos que voltavam da América.

Não podemos falar do triunfo do cristianismo primitivo na África sem falar, ainda, das contribuições existenciais dos mártires e de muitos doutores e escritores africanos dos primeiros séculos como Orígenes, Atanásio, Cirilo, Tertuliano, Cipriano e Agostinho. Foi através da influência destes que o cristianismo começou a ser a religião de estado na África,

antes mesmo de isso acontecer na Europa.

Outras regiões da África também acabaram por receber o cristianismo – no entanto, através dos colonizadores europeus.

As divisões do cristianismo por região da África

A África é dividida em regiões, temos África do Sul, África Central, África do Leste, África do Oeste e África do Norte.

Na África do Sul e África Central, o cristianismo predomina em todos os países. Na África do Leste, África do Oeste e África do Norte o islamismo predomina quase que em todos os países.

As heresias no meio do cristianismo da África

Quando falamos de cristianismo africano, dificilmente vamos encontrar algo que não esteja misturado com o sobrenatural de alguma forma. O africano tem dificuldade de distinguir entre o que é bíblico e o que é heresia ou movimentos criados pelos seus próprios patrícios. Veremos então um cristianismo cheio de rituais, onde as pessoas correm atrás de líderes religiosos os adorando como se fossem semideuses. A adoração a estes líderes vai deste estender tapete no chão para eles passarem a considerar seus

pertences como algo sagrado. Outros, no culto africano, necessitam ver algo de sobrenatural acontecer para que, verdadeiramente, possam lhe dar crédito. Infelizmente, muitos líderes cristãos do mundo se aproveitam destas formas de culto para se instalar na África a fim de ganhar dinheiro, pois o africano, diante de algo sobrenatural, está disposto a doar tudo o que tem sem medir consequências.

As tradições e culturas em relação à fé bíblica

Sempre perguntamos, na África, o que vem primeiro: a cultura ou a fé bíblica? Muitos têm dificuldade de separar o que é cultura saudável, isto é, que não fere os princípios estabelecidos por Deus, das culturas que fazem sacrifícios a espíritos malignos ou pregam e praticam atos de superstição. Há cristãos que estão nas igrejas, mas continuam seguindo as práticas culturais dos ancestrais como, por exemplo, ir à árvore sagrada, não se sentar no banco onde um falecido tenha sentado, ter medo dos espíritos que moram nas árvores. Este é um cristianismo sincrético, misturado com os rituais malignos.

As barreiras dos dialetos e a tradução da Bíblia

A diversidade linguística na África é impressionante. Existem 54 países no continente, nos quais são

faladas cerca de 2092 línguas, o que equivale a 30% dos idiomas do mundo. Além destas línguas, existem mais de 8 mil dialetos. Nestas regiões, e para a maioria destes dialetos e línguas, a Bíblia, o livro do cristianismo, tem pouca tradução. Pior do que isso, há casos em que ainda não existe absolutamente nada que tenha sido traduzido. As dificuldades são muitas. Existem línguas, por exemplo, e dialetos, para os quais os tradutores levam 30 anos para traduzir a Bíblia.

A perseguição à fé cristã na África

Nas regiões oeste e norte da África, o cristianismo sofre severa perseguição em alguns países. No Oeste, por exemplo, países como Níger, Mali, Senegal, são países laicos, porém, a porcentagem de cristãos é, em muitos casos, menor do que 5%. Os grupos extremistas se instalaram no Norte destes países trazendo severa perseguição. Recentemente, uma missionária suíça foi morta por grupos extremistas. No Senegal, existem regiões onde é praticamente proibido ser cristão como é o caso da cidade de Touba.

Nos países da Mauritânia, Marrocos, Argélia, Egito e outros, é proibido evangelizar. Na Mauritânia, temos testemunhos de irmãos nossos torturados por causa de sua fé; outros condenados à morte. As poucas igrejas que estão nestas

regiões dependem de muita ajuda e apoio em todas as áreas para sobreviverem, já que ao se converterem ao cristianismo, os irmãos perdem tudo o que têm.

Oremos pela África, pois só Jesus pode mudar estas realidades.



Paulo Locatelli é um dos pastores da Igreja Evangélica Assembleia de Deus, em Campo Bom/RS. Trabalhando com missões transculturais há mais de duas décadas, já rodou o mundo levantando fundos para a missão, com foco no continente africano. É diretor de missões no Mali e é um dos líderes da Organização Missionária Heróis de Deus, com sede em Campo Bom.



GABRIEL FERREIRA

DESIGNER GRÁFICO | FREELANCER

Olá, sou Gabriel Ferreira, designer freelancer e criador da capa.
Inspiro-me no melhor designer e criador de todo universo, nosso Deus.

Te convido para conferir minhas redes sociais e acompanhar um
pouco mais do meu trabalho.



/gfdesigner



@gsfdesigner